

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LINGUÍSTICA**

PAMELA STHEFANI DO AMARAL LOPES LIMA

**A INDIFERENÇA AOS LIVROS E À LEITURA:
DISCURSOS E EMOÇÕES**

**SÃO CARLOS
2025**

PAMELA STHEFANI DO AMARAL LOPES LIMA

**A INDIFERENÇA AOS LIVROS E À LEITURA:
DISCURSOS E EMOÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharela em Linguística da Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino

**SÃO CARLOS
2025**

PAMELA STEFANI DO AMARAL LOPES LIMA

**A INDIFERENÇA AOS LIVROS E À LEITURA:
DISCURSOS E EMOÇÕES**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Orientador: Profa. Dra. Luzmara Curcino

Data de aprovação: 16/12/2025.

Banca Examinadora:

Prof. Me.: Andrei Cezar da Silva

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Assinatura:

Profª. Ma.: Joseli Machado da Silva

Instituição: Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFSCar por ter sido o local em que aprimorei meus conhecimentos como estudante e no qual me refiz como pessoa.

À professora Luzmara Curcino, que se mostrou imensamente paciente e que me conduziu durante a jornada de escrita deste trabalho de forma inspiradora.

À minha mãe, que nunca foi perfeita, mas que sempre fez tudo por mim e que sempre vai ser a mulher mais forte que eu conheço.

Aos meus irmãos, que são todo o meu coração e que habitam cada cantinho da minha mente nos dias mais difíceis.

À minha amiga mais antiga Júlia, por todas as ligações em que uma se fortaleceu na outra e por sempre estar ali pra mim.

Às minhas amigas Márcia e Bianca, que também foram minhas colegas de classe, e que me ajudaram a levar a graduação com mais leveza e companheirismo ao compartilhar risadas e lágrimas.

Aos amigos que fiz durante a graduação e que tem lugar no meu coração para sempre: Felipe, Wagner, Emilly, Emi Chaves, Danilo, Daniel, Pedro; e aos demais que sempre encontram um lugar para sentar dentro de uma kit-net para me ouvir quando eu precisei.

À Fernanda por sempre estar disposta a me escutar, ou me fornecer um abraço de mãe quando solicitado.

A mim, por ter conseguido realizar algo do qual quase desisti; por ter enfrentado sozinha a maior parte dos meus erros e acertos; por ter sido forte quando preciso e por ter aguentado os bens e os males que a vida traz.

Por fim, agradeço a vida e ao tempo, por terem me colocado exatamente onde eu precisava estar para conseguir ser o que sou hoje.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado sob a orientação da professora Luzmara Curcino e insere-se no campo dos estudos discursivos. Vincula-se ao Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar), e parte do objetivo comum das pesquisas desse grupo de analisar discursos sobre a leitura que atualmente circulam em nossa sociedade. Em específico, se apoia nos princípios que descrevem o funcionamento da “ordem dos discursos”, observando mais detidamente uma das emoções que constituem as relações contemporâneas dos sujeitos com a leitura, a saber, a indiferença aos livros e à leitura. Este trabalho vincula-se ao projeto geral de pesquisa coordenado por nossa orientadora e intitulado, “O orgulho, a vergonha e outros afetos: uma análise das emoções em discursos sobre a leitura”, com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (processo 305682/2022-9). O objetivo deste estudo é investigar em discursos sobre a leitura e em representações dos leitores brasileiros a evocação das emoções da “indiferença” ou “desinteresse” pelos livros e pela leitura, a partir de textos de jornais de grande circulação, de modo a apreender os efeitos de sentido que impactam as relações dos sujeitos com o universo da leitura. Os dados que constituem o *corpus* deste TCC foram coletados do acervo digital dos jornais “O Estado de S. Paulo” (Estadão) e “O Globo”. São textos de diferentes gêneros editoriais publicados no período de 2002 a 2024. Para seu levantamento, foram usadas a combinação das palavras-chave: leitor brasileiro/ leitor/ leitura/ livros e indiferença, leitor brasileiro/ leitor/ leitura/ livros e desinteresse. Esta análise fundamenta-se em princípios e conceitos da Análise do discurso, especialmente daqueles de “A ordem do discurso” de Michel Foucault, assim como nos estudos dedicados à análise de discurso sobre a leitura, articulados ao estudo das emoções, e que vem sendo realizado por Luzmara Curcino (2020; 2022), dentre outros membros do LIRE. Com esta análise, buscamos compreender em que medida a indiferença, a apatia, e o desinteresse encontram-se manifestos em textos que abordam o tema da leitura. O objetivo central é problematizar a indiferença não apenas como ausência de leitura, mas como um regime afetivo-discursivo que tensiona políticas culturais e educacionais, assim como as subjetividades dos que têm ou não acesso à leitura, ao livro, contribuindo para o debate acerca da garantia do direito à leitura na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Discurso; Leitura; Emoções; Leitor; Indiferença; Desinteresse.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis was developed under the supervision of Professor Luzmara Curcino and is situated within the field of discourse studies. It is linked to the Laboratory for Reading Studies (LIRE–CNPq/UFSCar) and aligns with the group’s broader objective of analyzing discourses on reading that currently circulate in contemporary society. More specifically, it draws on principles that describe the functioning of the “order of discourse,” with particular attention to one of the emotions that shape contemporary relationships between subjects and reading, namely indifference toward books and reading. This work is part of the larger research project coordinated by my advisor and entitled “Pride, Shame, and Other Affects: An Analysis of Emotions in Discourses on Reading,” supported by CNPq – the National Council for Scientific and Technological Development (process 305682/2022-9). The aim of this study is to investigate, in discourses about reading and in representations of Brazilian readers, the evocation of the emotions of “indifference” or “lack of interest” toward books and reading, based on texts published in major newspapers, in order to understand the meaning effects that impact subjects’ relationships with the universe of reading. The data that constitute the *corpus* of this thesis were collected from the digital archives of the newspapers “O Estado de S. Paulo” (Estadão) and “O Globo”. These texts belong to different editorial genres and were published between 2000 at 2024. The search combined the following keywords: Brazilian reader/reader/reading/books and indifference; Brazilian reader/reader/reading/books and lack of interest. This analysis is grounded in principles and concepts from Discourse Analysis, especially Michel Foucault’s *The Order of Discourse*, as well as studies dedicated to discourse analysis on reading, articulated with research on emotions, as developed by Luzmara Curcino (2020; 2022) and other members of LIRE. Through this analysis, we seek to understand the extent to which indifference, apathy, and lack of interest appear in texts that address the topic of reading. The central objective is to problematize indifference not merely as an absence of reading, but as an affective-discursive regime that tensions cultural and educational policies, as well as the subjectivities of those who do or do not have access to reading and books, contributing to the debate concerning the guarantee of the right to reading in contemporary society.

Keywords: Discourse; Reading; Emotions; Reader; Indifference; Lack of interest.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa	9
1.2 Objetivo Geral	11
1.3 Objetivos Específicos	11
1.4 Metodologia da coleta de dados	12
1.5 Metodologia da Análise de dados	14
1.6 Fundamentação Teórica	15
2. A INDIFERENÇA AOS LIVROS E À LEITURA	19
2.1. “Leitura nada dinâmica”	19
2.2 “Mais da metade da população do país não lê”	28
2.3 “Como começar a gostar de ler”	33
2.4 “Harold Bloom resgata clássicos infantis para enfrentar Harry Potter”	39
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	48

A INDIFERENÇA AOS LIVROS E À LEITURA: DISCURSOS E EMOÇÕES

INTRODUÇÃO

No Brasil, o debate sobre os livros e a leitura tem sido marcado por discursos que exaltam o poder emancipador desses objetos e dessa prática, e por vezes os articulam à denúncia de haver uma indiferença social da população em relação ao seu consumo e a seu exercício. Como observa Curcino (2020), esses discursos ancoram o dizível sobre a leitura segundo uma lógica bem conhecida, constituída para fazê-los circular como consenso, o que normaliza sua recepção, tornando mais fácil a adesão a eles bem como a sua reprodução.

Não é raro ouvirmos o consenso segundo o qual grande parte da população brasileira não gosta nem se interessa pela leitura, nem por livros. Essa afirmação se constrói como óbvia. O que é bastante raro de se ouvir é o que produz essa indiferença alegada. Tal como afirma Curcino (2022), ao tratar das emoções derivadas do impacto da “vergonha” cultural, como a indiferença, que esta é antes o resultado de um julgamento sistemático do que a origem que justificaria o julgamento. Para a autora:

Não sendo possível ‘ser’ nem ‘corresponder’ às expectativas [culturais da sociedade], são reações emocionais possíveis para se lidar com o sofrimento da ‘vergonha’ [relacionada à leitura]: i) a de se resignar com a inevitabilidade de sua condição de não leitor; ii) a de se tornar indiferente com isso que não se pode ser, relativizando a importância da leitura; iii) a de reagir de forma sarcástica para mascarar sua vergonha e manifestar sua indignação diante do que lhe foi negado; iv) a de desenvolver seu ressentimento, que tem por consequência questionar o próprio valor da prática e não das estruturas que impedem a maioria de exercê-la. (Curcino, 2022, p. 11)

De modo a refletir sobre a força desse senso comum, e baseada nesse pressuposto sobre a causa de indiferença, nessa nossa pesquisa buscamos constituir um conjunto de dados específicos a partir dos quais pudéssemos demonstrar a forma como este tipo de enunciado é produzido, reproduzido e circula entre nós, valendo-nos para isso de uma fonte específica: textos da mídia de grande circulação. Ao abordarmos os discursos adotados dentro deste contexto, podemos destacar que a indiferença/desinteresse por essa prática, longe de ser um traço individual, é resultado de um

funcionamento discursivo social, coletivo, que distribui lugares e regula a projeção de afetos e interesses dos sujeitos.

Os discursos sobre a leitura cotejam assim outros discursos que: i) justificam hierarquias socioculturais entre os sujeitos, há muito naturalizadas e segundo representações coletivas generalizantes (o brasileiro não lê, o jovem de hoje em dia não lê; o pobre é pobre porque não lê); ii) reproduzem a lógica meritocrática (ser leitor é um questão de interesse individual: lê quem quer, quem se esforça, quem é dedicado, quem “corre atrás”); iii) difundem a teoria do dom, do gosto individual (alguns têm dom para a leitura; alguns nasceram para isso; alguns gostam de ler e tem bom gosto, outros não); iv) atribuem as culpas a agentes diversos, sem problematizar as condições sociais, materiais, essenciais sem as quais dificilmente podemos nos tornar leitores (os pais não leem, os professores não leem, os alunos não leem; v) ancoram-se em vulgatas de teorias da interpretação (a leitura é singular e cada um tem a sua leitura, o que leva a um relativismo cômodo e acomodante, que afeta o modo como ensinamos esta prática e nos relacionamos com ela); vi) são, por fim, difundidos em abordagens de ensino adotadas pela instituição escolar que recebe e replica esses discursos sobre a leitura que circularão, amplamente em nossa sociedade (a leitura deve priorizar os cânones/ a leitura deve contemplar os que os jovens gostam: deve-se ler todos e quaisquer gêneros em especial aqueles que os jovens têm familiaridade etc.). (Curcino 2020, p. 81).

Nesta análise, selecionamos uma amostra de enunciados, coletada em textos provenientes do acervo dos jornais “O Estado de S. Paulo” e o “O Globo”, referentes ao período de 2002 à 2024, em se pode constatar a ocorrência deste tipo de emoção cujo funcionamento discursivo pretendemos analisar. Esse tipo de ocorrência, de enunciado, tem sido estudada nas pesquisas conduzidas por Curcino (2020; 2022; 2024), e por demais pesquisadores, do Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE/CNPq-UFSCar), que têm analisado como as emoções atravessam os discursos sobre a leitura e constituem a imagem de “leitor” na nossa sociedade.

1.1 Justificativa

A leitura, como prática cultural e social, ocupa um lugar central na constituição de sujeitos e na circulação de saberes. Nos discursos sobre essa prática somos apresentados, no cenário contemporâneo, ao que muitos descrevem como uma crescente indiferença em relação a esta prática e aos livros, fenômeno que se comprovaria, segundo essa posição, tanto nos índices de consumo do livro, como objeto cultural, quanto nos discursos midiáticos, políticos e institucionais

que promovem essa prática. Nesse sentido torna-se relevante investigar como estes discursos são reproduzidos e quais efeitos de sentido se instauram a respeito da leitura e dos sujeitos que podem ou não exercer essa prática.

Tanto a ‘leitura’, tal como ela é discursivizada, quanto a figura do ‘leitor’, segundo representações idealizadas e compartilhadas socialmente, compõem o rol dessas unidades que provém de “continuidades irrefletidas”, para empregar a expressão usada por Foucault (2000, p. 28-29). A ‘leitura’ e o ‘leitor’, assim como o ‘livro’ e o ‘autor’, são em geral concebidos como signos cujo significado se nos apresenta de maneira imediata, completa, simples e muito familiar, ou seja, evidente. Sem história e sem arestas, elas se nos apresentam como um tranqüilo “é assim porque sempre foi assim”. (Curcino, 2020, p. 78).

Segundo a última edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2024), o país teria perdido cerca de 7 milhões de leitores em 4 anos, desde os últimos dados apresentados na edição de 2019, baseados na avaliação de que a maioria da população não leu nem mesmo parte de uma obra literária nos três meses anteriores à realização da pesquisa. Criada em 2001, e lançada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) com o objetivo de mapear os hábitos e comportamentos do leitor brasileiro (e identificar os perfis de consumidores do mercado livreiro) atualmente, essa pesquisa é considerada o levantamento sociológico mais abrangente e duradouro na tarefa de detalhar o panorama do cenário livreiro e da leitura no país, servindo como referência para se entender o comportamento de leitores e não leitores e as razões de sua formação no Brasil. Alguns dos dados coletados para a construção do *corpus* deste Trabalho de Conclusão de Curso foram publicados em períodos anteriores aos das edições anteriores deste levantamento.

O presente trabalho encontra respaldo teórico e metodológico nas pesquisas desenvolvidas pelo LIRE, que busca, nas pesquisas que realiza, compreender o impacto e o alcance destas formas de enunciar o interesse ou o desinteresse pela leitura, não apenas como sendo um ato individual, mas como prática socialmente determinada, atravessada por valores, afetos e disputas simbólicas. A partir dessa perspectiva, é possível se analisar os enunciados que constroem representações sobre a leitura, identificando as emoções e os efeitos de sentido que sustentam a indiferença ou mesmo o desinteresse em relação a essa prática e aos livros. Afinal, mesmo exercendo as funções e práticas principais que se pode atribuir a um leitor, tal como nos lembra anedoticamente Bayard (2007), somos na maior parte do tempo não leitores da maior parte dos livros que são produzidos:

Existe mais de uma maneira de não ler, das quais a mais radical é não abrir um livro. Tal abstenção completa diz respeito para todo leitor, tão assíduo quanto ele

possa ser neste exercício, à quase totalidade das publicações, e, portanto, constitui nosso modo principal de relação com o escrito. (2007, p. 23).

Assentada na necessidade de compreender a relação entre discurso, leitura e emoção, nossa pesquisa para o TCC buscou focalizar uma das emoções em geral evocadas para construir o perfil dos sujeitos, dos que se identificam e podem desempenhar o papel de leitores, e dos que nem se identificam nem podem desempenhar esse papel. Para tanto, apoiamos-nos em estudos do discurso e da história e sociologia cultural dedicados ao tema da leitura.

Com esse trabalho, buscamos contribuir para os estudos desse tema, e problematizar e dar visibilidade ao modo como a sociedade brasileira enuncia e é afetada pelo que se enuncia sobre a leitura.

1.2 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é o de problematizar e analisar discursos sobre a indiferença aos livros e à leitura, não apenas como ausência da prática e falta do hábito, mas como um regime afetivo-discursivo que tensiona as relações entre os sujeitos, que embasa políticas culturais, educacionais e que implica a produção de subjetividades, contribuindo para o debate acerca do lugar dos livros e da leitura na sociedade brasileira contemporânea.

1.3 Objetivos Específicos

- a) Contribuir para a construção de um *corpus* coletivo junto ao LIRE de enunciados provenientes de textos da mídia brasileira, de circulação nacional, relativos à relação entre leitura e emoções;
- b) Eleger uma amostra de enunciados que tratam da “indiferença” ou do “desinteresse” pelos livros e pela leitura e de enunciados por meio dos quais se expressa a “indiferença” e o “desinteresse” por esse objeto e essa prática culturais;
- c) Caracterizar esses enunciados em conjuntos temáticos, em função do que enunciam e do modo como enunciam a respeito dessas emoções relacionadas à leitura;
- d) Refletir sobre o funcionamento discursivo dessas emoções nos discursos sobre a leitura.

1.4 Metodologia da coleta de dados

A construção deste *corpus* deu-se a partir de buscas realizadas nos acervos digitais dos jornais “O Globo” e “O Estado de S. Paulo”, disponíveis em seus respectivos sites¹. Segundo informa o próprio jornal em seu site², “O Globo” foi fundado em 29 de julho de 1925, pelo jornalista Irineu Marinho, consolidando-se por quase um século como um dos principais jornais do Brasil. Integrante do Grupo Globo, o maior conglomerado de mídia do país, o jornal combina uma certa presença histórica no impresso e com alcance digital massivo.

Já o “Estado de S. Paulo”, como nome original de “A Província de São Paulo”, foi criado em 4 de janeiro de 1875, por um grupo de republicanos liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, tendo como objetivo a criação de um diário de notícias que combatessem a monarquia e a escravidão. Sendo o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo, ainda em circulação, consolidou-se se nos seus 150 anos de atuação contínua, como uma das grandes mídias de circulação do país.

Trata-se de duas das maiores empresas de comunicação, integrando o grupo dos principais jornais de referência no Brasil (ao lado da “Folha de S. Paulo”, e do “Estado de Minas”, etc.), atuando de modo não negligenciável na formação da opinião pública no Brasil.

Ambos os jornais sustentam sua legitimidade como formadores de opinião pública, logo, como vetores de discursos que mobilizam posições discursivas como enunciadores objetivos, atualizados, zeladores dos interesses do Brasil, buscando com a construção desse *ethos* fomentar efeitos de credibilidade.

O *ethos* discursivo, embora se diferencie da tradição retórica, não deixa de concordar com três ideias básicas do *ethos aristotélico*: o *ethos* é (a) uma noção discursiva, isto é, constitui-se por meio do discurso, não sendo, portanto, uma “imagem do locutor exterior à fala”, (b) um “processo interativo de influência sobre o outro” e (c) uma noção “[...] híbrida (sócio discursiva), tem um comportamento socialmente avaliado, que não deve ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa”, própria de uma conjuntura histórico-social. (Maingueneau, 2006, p.60).

¹ <https://oglobo.globo.com/>

² <https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada1870.shtm>.

Levando-se em conta, seus números e a sua capacidade de circulação, no que se refere aos dois jornais como mediadores legítimos entre acontecimentos – suas atualizações – e a sociedade, este cenário evidencia a sua capacidade de influenciar percepções e debate, fazendo com que, suas publicações operem como dispositivos de produção de sentido que tenham poder de interferir na produção dos discursos, e no que nos diz respeito neste trabalho, na normalização de certas emoções quando o tema é a prática da leitura e o consumo de livros. A credibilidade que estes jornais conquistaram historicamente se atualiza no discurso projetado, seja pelo tom de neutralidade pretendida, seja pela seleção dos fatos considerados, seja pelo modo como são apresentados (um título especulativo, por exemplo), seja, enfim, pelo enquadramento discursivo dado aos acontecimentos dentro deste contexto.

Os enunciados mobilizados nesta análise foram selecionados de um *corpus* constituído de um total de 15 resultados encontrados nos acervos digitais destes jornais. Pra garantir uma busca mais abrangente, a coleta de dados foi realizada em dois computadores (Computador 1 e Computador 2), utilizando em cada máquina dois navegadores diferentes (Chrome, e Microsoft Edge) e em cada um destes navegadores operando com três buscadores diferentes (sendo eles: Google, Bing e Yahoo). Foram utilizadas as palavras-chave: leitor e indiferença/ leitura e indiferença/ livros e indiferença e leitor brasileiro e indiferença; leitor e apatia/ leitura e apatia/ livros e apatia/ leitor brasileiro e apatia; leitura e desinteresse/ leitor e desinteresse/ livros e desinteresse e leitor brasileiro e desinteresse.

Após a busca e o levantamento das ocorrências pela identificação das palavras-chave no sistema do acervo digital dos jornais em questão, seguimos com a leitura de cada texto, nos quais quando identificávamos alguma menção que estivesse dentro do nosso escopo, ou seja, que indicasse alguma destas emoções relacionadas à leitura (indiferença / desinteresse), incorporávamos o texto no arquivo de dados da pesquisa. Em princípio, não delimitamos um período de tempo para esta etapa, e apenas foram desconsiderados dados que apresentavam apenas uma das palavras-chave utilizadas. Posteriormente, nos concentramos em dados que datassem de 2002 a 2024, de modo a recortarmos e obtermos um conjunto mais enxuto e recente de dados, tendo em vista se tratar de uma pesquisa de TCC, cujo desenvolvimento se limita a 1 ano letivo. Esse também é o recorte temporal adotado na pesquisa coletiva realizada pelos membros do LIRE, sobre o tema das emoções em discursos sobre a leitura.

Como forma de registro, optamos por uma tabela em formato Excel, organizada com as informações distribuídas da seguinte forma: número de identificação do texto (de 1 a 15), qual computador foi utilizado na busca (Computador 1 ou 2), qual navegador foi empregado, que buscador acionado, quais palavras-chave empregadas, em qual acervo de qual veículo foi feita a consulta (“O Globo” ou “O Estado de S. Paulo”), em que data o texto foi publicado, em que data se deu a coleta, de que gênero textual é o texto, de que categoria discursiva e analítica conforme estipulamos previamente, (o leitor é desinteressado/ indiferente / apático) ou (o leitor é interessado), qual é o título do texto, transcrição do trecho do enunciado, indicação do link de acesso, do autor e da referência bibliográfica completa da fonte (ver Anexo 5).

Para a análise preliminar de uma amostra desses dados coletados, organizamos os enunciados em conformidade com as regularidades que encontramos durante o seu levantamento no momento da busca.

1.5 Metodologia de análise de dados

Logo após a busca e registro dos dados encontrados, prosseguimos para a análise discursiva destes enunciados, cujo critério de seleção privilegiou aqueles que continham representações convencionais sobre a leitura e que evidenciavam de modo mais direto emoções e afetos relacionados à apatia, ao desinteresse e à indiferença, emoções que já foram estudadas por outras áreas das ciências humanas como a psicologia, neuropsicologia e neurociência. Buscando por suas definições, podemos citar os estudos de Robert S. Marin, médico e pesquisador em neuropsiquiatria, no que diz respeito a apatia, emoção caracterizada por ele como uma síndrome em que há perda de motivação primária. Em suma, uma emoção que apresenta a diminuição de iniciativa e interesse, resultando em um estado psicológico em que o sujeito perde a capacidade de iniciar e sustentar ações significativas (como a leitura, por exemplo) e é comumente atribuída a “ausência ou falta de sentimento, emoção, interesse ou preocupação”³.

Nos estudos de Martin Heidegger (1929/1930) ao analisar o tédio profundo e fazendo referência direta à indiferença, e indiretamente ao desinteresse, o filósofo descreve estas emoções como um estado em que o mundo e seu objetos (físicos ou sociais) perdem certa significância⁴. No

³ MARIN, Robert S. Apathy: A Neuropsychiatric Syndrome. *Journal of Neuropsychiatry and Clinica Neurosciences*, v 3, n 3, p. 243, 1991.

⁴ HEIDEGGER, Martin. *The Fundamental Concepts of Metaphysics: World, Finitude, Solitude*. Tradução de William McNeill e Nicholas Walker. Bloomington: Indiana University Press, 1995. (Obra original de 1929–1930).

caso, o sujeito não sente nem atração e nem repulsa, há uma suspensão do envolvimento dele com o mundo, o que passa a demonstrar indiferença ou pouco urgência. Nesta perspectiva, as coisas no mundo deixam de convocar ação e instala-se uma espécie de desprendimento desmotivado, comportamento ligado diretamente ao fenômeno psicológico do desinteresse, que não resulta de uma patologia, mas que é interpretado como um sentimento empírico, uma experiência vivida. Estas emoções historicamente já conceituadas e que tem como campo semântico compartilhado a redução de envolvimento, de afeto e motivação diante de algo.

Ao selecionarmos os enunciados que compõem este *corpus*, buscamos por estas emoções, que operam como sinônimos de um estado geral de não-engajamento à prática de leitura e aos livros. Os enunciados, nesses textos, se inscrevem em um já dito, parafraseado, das representações consensuais acerca da leitura, do leitor e do livro.

Começando pela identificação dos enunciados, selecionamos os fragmentos discursivos em que se tematizava a leitura e se evocava as referidas emoções. Em seguida, agrupamos estes enunciados em conjuntos semânticos parafrásticos, no qual estas ocorrências se inserem e a partir do qual reforçam seu significado, permitindo assim, observar regularidades no modo como essas emoções se inscrevem no discurso social que afirma o desinteresse, a indiferença e a apatia do brasileiro em sua relação com a leitura.

Após esta categorização, cada enunciado foi examinado considerando o seu contexto sócio-histórico e institucional de sua enunciação, situando quem fala, de onde fala e a quem se dirige. No processo de análise da interpretação discursiva, buscamos compreender como a construção discursiva da indiferença à leitura funciona como prática de significação que atravessa e atualiza representações sociais mais amplas sobre o lugar do livro e da leitura no Brasil.

Deste modo, realizamos a seleção e sistematização de enunciados por meio de uma interpretação discursiva prévia, a fim de observarmos de que forma essas emoções aparecem nos textos, e como se consolidam como efeitos de sentido produzidos entre sujeitos, instituições e práticas de linguagem.

1.6 Fundamentação Teórica

Para a realização deste trabalho, usamos como base teórica alguns princípios e conceitos da Análise do Discurso de base francesa, com o intuito de analisar o uso da linguagem no que

chamamos de *discurso*, envolvendo processos ideológicos vinculados ao contexto histórico e social.

Trabalhamos especificamente com o conceito de discurso, considerando-o como uma “ordem” que regula o funcionamento da linguagem e o enunciável sobre um tema, sobre certos sujeitos, e em relação a dados objetos, como no caso dos discursos a propósito do hábito da leitura e do consumo de livros, em especial, apoiando-nos em nossa leitura do livro “A ordem do discurso” (2009) do filósofo Michel Foucault. No que diz respeito ao tema da leitura, recorreremos a algumas considerações do historiador Roger Chartier (1998) a respeito da história de constituição do poder dos livros e da prática da leitura, da qual decorre o benefício simbólico da condição leitora. Em relação aos estudos dedicados à leitura no Brasil, recorreremos aos trabalhos realizados pelos pesquisadores do LIRE, em específico aos artigos publicados sobre o tema por Luzmara Curcino (2020; 2022; 2024) em que mais diretamente a autora se dedica às emoções da vergonha e do orgulho relacionados à leitura. Assim, correlacionando os conceitos que regulam o que pode ser dito sobre a leitura, juntamente com o poder simbólico que este tipo de prática carrega, ao legitimar os sujeitos a partir de suas práticas e representações culturais, investigamos o papel de certas emoções que circulam nos discursos que configuram o lugar da leitura em nossa sociedade.

Partindo da perspectiva Foucaultiana, no que diz respeito ao discurso:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2019, p.8)

Deste modo, entendemos o discurso na materialização da língua em uso, uma realidade material que é intimamente ligada ao poder. Segundo Foucault (2019, p. 9). “[...] – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar”; perspectiva baseada na análise que busca a compreensão dos sentidos, as condições sociais e históricas que tornam um determinado discurso possível. No caso, os textos selecionados para esta análise foram considerados como a representação de um conjunto de ideias que se manifesta na linguagem em um contexto específico.

Neste ponto, é importante ressaltar a diferença entre *enunciado* e *discurso*. O primeiro pode ser interpretado como uma função, sendo considerado o resultado de um ato de fala, com foco na

análise do sujeito no momento do dizer, que também é determinada pela sua condição social e seu papel dentro da “ordem do discurso”. Este conceito acaba diferenciando-se do *discurso*, que apresenta um processo mais amplo de produção de sentidos, caracterizado como uma construção linguística e social que manifesta relações de poder. O discurso é algo que podemos chamar de uma “materialização privilegiada” da língua, que denota uma determinada visão de mundo.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente a sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso, como a psicanálise mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar (Foucault, 1996, p.9)

Dessa forma, o discurso constitui-se como um campo de poder, atravessado por tensões e hierarquias. Essa perspectiva nos permite compreender que não há neutralidade nos enunciados sobre a leitura: eles são produzidos em uma rede de discursos dominantes, que autorizam certas representações e interdita outras. Os discursos sobre a leitura, por exemplo, naturalizam valores associados ao “bom leitor”, ao “não leitor” ou ao “leitor ideal”, conferindo legitimidade a determinados sujeitos e à desqualificação de outros. Nessa dinâmica, a leitura não aparece apenas como prática cultural, mas como dispositivo de distinção simbólica.

Deve -se levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos. Distante de uma fenomenologia que apaga qualquer modalidade concreta do ato de ler e o caracteriza por seus efeitos, postulados como universais (como também o trabalho de resposta ao texto que faz com que o assunto seja mais facilmente compreendido graças à mediação da interpretação), uma história das maneiras de ler deve indicar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições da leitura. Essa abordagem pressupõe o reconhecimento de várias séries de contrastes; em primeiro lugar, entre as competências de leitura (Chartier, 1998, p.13)

Frequentemente mobilizada como forma de poder simbólico, pois atribui status social, a leitura legitima competências intelectuais e demarca fronteiras entre grupos. Nesse sentido, a leitura é tanto prática individual quanto signo social, capaz de operar como instrumento de exclusão ou reconhecimento. Ainda segundo o historiador,

[...] Fica, assim, enunciado o paradoxo fundador de toda a história da leitura, que deve postular a liberdade de uma prática da qual só podemos capturar certas determinações. Construir comunidades de leitores como sendo *interpretive commodities* (para retomar a expressão de Stanley Fish), observar como as formas materiais afetam sentidos, localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas, são muitas das vias possíveis para quem entender, como historiador, essa “produção silenciosa” que é a “atividade leitora”. (Chartier, 1998, p. 27)

Sendo assim, em determinado momento a formação e circulação dos discursos sobre a leitura não se restringem aos sujeitos que leem, ou aos espaços tradicionalmente associados ao ato de ler, acabando por ultrapassar os limites da comunidade leitora. Por se tratar de uma prática atravessada por formações discursivas e dispositivos sociais, sua formulação e circulação acaba sendo produzida, regulada e reapropriada por múltiplas instancias sociais, sendo parafraseada de outras formas em nossa sociedade. O já dito e repetido acaba por formar opiniões, valores e emoções:

Se o discurso fornece o que é dizível sobre uma prática e sobre os sujeitos que a exercem, ele também regula o tipo de emoção consensualmente adequada de cada enunciação dessa prática. São principalmente dois os modos de expressão das emoções ao se enunciar sobre a leitura: i) quando se faz referência explícita a ela; ii) quando o modo de enunciação permite depreender um ou outro estado afetivo relativo à leitura. Assim, como ocorre com tudo que pode e deve ser dito sobre uma determinada prática e sobre os sujeitos que a exercem, não é qualquer emoção que se evoca ou se expressa a seu respeito, cabendo-nos, portanto, depreender, delimitar e descrever o funcionamento discursivo peculiar dos afetos quando enunciamos. (Curcino, 2022, p. 4)

Portanto, essa abordagem evidencia que as emoções não são meramente individuais, mas atravessadas pelo funcionamento discursivo que é coletivo, histórico e social. A vergonha, o orgulho e até a indiferença em relação à leitura constituem-se como efeitos de discursos que historicamente definiram o lugar da leitura na cultura brasileira, associando-a ora à cidadania e ao prestígio, ora à falta, ao déficit ou à preguiça de quem não exerce essa prática. Tais discursos reverberam em textos midiáticos, em políticas públicas e nas falas cotidianas, reiterando valores dominantes e produzindo efeitos nos sujeitos. Por essa razão, eles exigem de nós uma análise consequente e voltada para a melhoria da vida em sociedade, diminuindo a incidência ou o valor de verdade absoluto de alguns dos consensos que nos dizem quem somos em nossa relação com a leitura.

2. A INDIFERENÇA AOS LIVROS E À LEITURA

Neste capítulo, serão examinados enunciados que integram o *corpus* deste trabalho e que evidenciam manifestações de indiferença, desinteresse ou apatia diante da prática de leitura. Deste modo, consideramos quatro exemplos prototípicos, selecionados por representarem as recorrentes formulações que atravessam os discursos consensuais sobre a prática de leitura. Esses enunciados, oriundos de diferentes situações de enunciação e materialidades discursivas, nos permitem observar como certos sentimentos atribuídos à leitura são estabilizados, naturalizados e parafraseados nas declarações de sujeitos, tanto pela afirmação explícita ou indireta de indiferença.

Com a análise desses enunciados buscamos desvendar de que maneira tais discursos participam da constituição das posições-sujeito que se relacionam com a leitura, a sua circulação e os sentidos que provocam ao promover a manutenção de representações sociais amplamente difundidas sobre a posição da leitura na sociedade contemporânea, desde a sua valorização até a posição ameaçada que lhe é atribuída.

2.1. “Leitura nada dinâmica”

Do conjunto de textos que compõem este *corpus*, coletamos um exemplo deste tipo de discurso, em que se deprecia, genericamente, leitores brasileiros, ainda que de modo indireto, convocando para isso o argumento de sua alegada indiferença em relação à leitura. Neste enunciado, estamos diante de uma declaração de um sujeito inserido no contexto escolar, que faz referência ao seu contato com a prática de leitura. Intitulado como “Leitura nada Dinâmica”, esta notícia tem como principal objetivo informar o público de um fato recente. Desta notícia, publicada no jornal “O Globo”, edição de 25 de maio de 2014, na Coluna “Sociedade”⁵, foram destacados os enunciados que analisamos a seguir.

⁵ VIEIRA, Leonardo; LINS, Letícia. Leitura nada dinâmica. O Globo, Coluna “Sociedade”, p. 41, 25 maio 2014. Disponível em: https://d2a9xce884pp5y.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/2014/05/25/CAB/SOCIEDADE/GE250514041CAB1-4539_m.jpg. Acesso em: 23 maio 2025.

Figura 1: Imagem da matéria selecionada para a composição do *corpus*

Leitura nada dinâmica

Número de bibliotecas nas escolas brasileiras avança devagar: só 35% dispõem de uma

LEONARDO VIEIRA E LETÍCIA LINS
sociedade@oglobo.com.br

—NO E REPEFE— “Não podem para eu ler muito aqui, não. Mas também não faço tanta questão assim. Acho meio chato”. Assim, Adriel Ferreira, 11 anos, aluno do 5º ano de uma escola municipal de Belford Roxo (RJ), um menino como milhões de outros país adora, resume espontaneamente o **desinteresse** pela leitura, reforçado por um dado preocupante, mas nada surpreendente: a escola dele integra o gigantesco grupo de 65% de unidades de ensino, públicas e privadas, sem bibliotecas no Brasil. Os números, presentes no Censo Escolar 2013 e compilados pelo portal Qedu, mostram que, desde 2010, quando entrou em vigor a lei 12.244 — que obriga todos os gestores a providenciar, até 2020, espaços estruturados de leitura em seus colégios —, a situação praticamente não evoluiu. Naquele ano, só 33,1% das escolas tinham bibliotecas; em 2013, eram 35%.

o teatro, resenhas e até concursos de poesias. No entanto, diferentemente do que preconiza a lei, quem trabalha no local não são bibliotecários, mas sim docentes, os chamados “professores regentes”.
Mesmo assim, os gestores da escola garantem que a fórmula é mais eficiente do que o modelo de uma simples biblioteca. Há dois anos na sala de leitura, a professora de História Isabel Gonçalves Lepediano conta que o número de empréstimos solicitados voluntariamente por alunos chegou a 3.529 só até agora em 2014, mais que o total de 2013.
Uma das frequentadoras da sala de leitura, a estudante Raquel de Araújo Silva, de 12 anos, diz que o local a estimula a ler. Mas sustenta que o gosto pela leitura surgiu em casa:
— Comecei com livros de poesia do meu pai.

METODOLOGIA EXPLICARIA QUEDA
A explicação para a queda no número de escolas com bibliotecas na rede carioca está na metodolo-



LEO MARTINS

Fonte: O Globo

A matéria informa sobre a lentidão no avanço da construção e presença de bibliotecas nas escolas brasileiras. Embora a legislação desde de 2010 determine que todas as escolas devem ter bibliotecas até 2020, os dados apresentados indicam que apenas 35% delas contam com esse espaço — praticamente o mesmo índice de anos anteriores, indicando uma estagnação no processo de incentivo à leitura, justificado pela falta de mobilização das instituições envolvidas. O tema central da reportagem é a insuficiência e o lento crescimento das bibliotecas, apesar da obrigatoriedade legal, e os impactos dessa realidade na formação leitora de crianças e jovens, tal como se pode exemplificar por meio da declaração de um aluno. Com este posicionamento e articulando de forma crítica esse déficit estrutural das escolas públicas e sua dificuldade de promover a prática de leitura dados os seus espaços inadequados, o autor da notícia busca promover um debate social sobre o descompasso entre a legislação/discurso oficial e as práticas educacionais realmente efetivadas.

Ao publicá-la na coluna referente aos assuntos e repercussões da sociedade contemporânea, o jornal já estabelece uma *memória discursiva* sobre o assunto:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido

como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. (Orlandi, 2005, p.31)

De uma perspectiva geral, tanto o lugar em que foi publicada (Jornal “O Globo”, Coluna – “Sociedade”, com o cabeçalho de edição enunciando “Sem espaço para os livros”), tanto o título da matéria (“Leitura nada dinâmica”), quanto o seu subtítulo (“Número de bibliotecas nas escolas brasileiras avança devagar, só 35% dispõem de uma”), evocam e alicerçam a ocorrência da falta de estrutura que não promove e nem facilita a prática da leitura e o consumo de livros por parte da população em fase escolar. Neste primeiro momento, a falta de interesse pela leitura é de responsabilidade das instituições políticas, escolares e organizacionais que não gerenciam seus recursos a fim de mobilizar essa prática.

Nesta matéria a emoção de desinteresse foi encontrada no seguinte trecho:

“Não pedem para eu ler muito aqui, não. Mas também não faço tanta questão assim. Acho meio chato”. Assim, Adriel Ferreira, 11 anos, aluno do 5º ano de uma escola municipal de Belford Roxo (RJ), um menino como milhões de outros país afora, resume espontaneamente o **desinteresse** pela leitura, reforçado por um dado preocupante, mas nada surpreendente: a escola dele integra o gigantesco grupo de 65% de unidades de ensino, públicas e privadas, sem bibliotecas no Brasil.

Entre os argumentos explorados para a defesa do ponto de vista assumido pelo enunciador do texto, recorre-se à citação de declarações daqueles que são o objeto ou tema do texto. Adriel Ferreira, um aluno de 11 anos do 5º ano da escola municipal de Belford Roxo – RJ é entrevistado e responde reiterando o que sabe sobre a leitura. Em sua declaração, vemos que ele já introjetou a ideia de que só é leitor, quem lê muito e sempre. Assim, ele, se autoavalia como alguém que não lê muito, entre outras razões porque a própria escola não solicita com frequência que ele leia, tal como afirma. Mas sabemos que um aluno, na escola, lê o tempo todo. Mas tanto ele quanto o enunciador do texto, que visa demonstrar a indiferença à leitura em especial entre os jovens em idade escolar, sabem que quando o assunto é leitura, tal como discutem vários estudiosos do tema, como Curcino (2020) o que se leva em conta quando se fala em leitura é a leitura de livros, de livros extensos, de autores consagrados, de ficção e para entretenimento ou formação.

Por essa razão ele diz que a escola não solicita e que ele não lê muito. Já a justificativa que ele apresenta para não ler muito (porque é preciso justificar e isso é outra imposição dos discursos sobre a leitura), é na verdade um modo de assumir a culpa, individualmente, ainda que dividindo-a com a escola. Faz parte dos discursos sobre a leitura, como discute Curcino (2020), essa atribuição de culpa a vários agentes, em geral citados como “bode expiatório”, já que pouco se discute ou pouco se enfatiza o papel das condições materiais que impedem ou promovem a possibilidade de ser leitor:

Os discursos sobre a leitura cotejam outros discursos que: i) justificam hierarquias socioculturais entre os sujeitos, há muito naturalizadas e segundo representações coletivas generalizantes (o brasileiro não lê; o jovem de hoje em dia não lê; o pobre é pobre porque não lê); ii) reproduzem a lógica meritocrática (ser leitor é uma questão de interesse individual: lê quem quer, quem se esforça, quem é dedicado, quem “corre atrás”); iii) difundem a teoria do dom, do gosto individual (alguns têm dom para a leitura; alguns nasceram pra isso; alguns gostam de ler e têm bom gosto, outros não); iv) atribuem as culpas a agentes diversos, sem problematizar as condições sociais, materiais, essenciais sem as quais dificilmente podemos nos tornar leitores (os pais não leem; os professores não leem; os alunos não leem.). (Curcino, 2020, p. 81)

Ao ser questionado sobre os seus hábitos de leitura no ambiente escolar, Adriel enuncia: “Não pedem para eu ler muito aqui não. Mas, também não faço tanta questão assim. Acho meio chato”. Neste recorte, o discurso convencional sobre a leitura é atualizado atribuindo a responsabilidade pela leitura (e pela não leitura) a duas instâncias: a individual, relativa a sujeitos jovens de uma faixa etária que são recorrentemente representados como “indiferentes” à leitura, e uma instância de ordem social, coletiva, a escola, à qual se outorga a responsabilidade por ensinar ler e fazer ler. Indivíduo e escola aqui são atualizados como “agentes diversos” que são ‘culpados’ pela não leitura.

A ausência de demanda institucional, neste caso a escola, tal como enuncia Adriel em “Não pedem para eu ler muito aqui, não”, denuncia ou cobra, mas sobretudo justifica o que considera ser de sua parte um erro, o de ler pouco, que ele divide com a escola, que não pede para que ele leia. A indiferença declarada por Adriel, como argumento mobilizado pelo enunciador do texto que seleciona esse depoimento como argumento para demonstrar sua tese de que os jovens brasileiros estão cada vez mais indiferentes à leitura, deriva da vergonha de não ser reconhecido como leitor, como reflete Curcino (2022):

Diante do embaraço de ter de falar de si como alguém que não é leitor, como alguém que não lê, a forma mais nobre parece ser a de admitir isso como se se assumisse uma culpa, uma falha, um erro individual, adotando uma estrutura muito prototípica, com o uso da primeira pessoa verbal “eu” e da negativa que precede o verbo: ‘não tive’, ‘não entendo’, ‘não tenho paciência’, ‘nunca gostei’, ‘não sou’, ‘não consigo’. Essa enunciação em primeira pessoa, e plena de negativas, indicia claramente o gesto de admissão e de antecipação de uma culpa individual, em um autojulgamento muitas vezes severo e resignado. (Curcino, 2022, p.11)

A declaração de Adriel revela um enunciado instituído dentro de um arquétipo referente à leitura, especificamente, pelo adjetivo “chato”, expressando de forma indireta as emoções de desinteresse/indiferença à prática: “Mas também não faço tanta questão assim. Acho meio chato”. Neste fragmento, o jovem justifica duplamente a razão de ter sido entrevistado como um exemplo de jovem que confirma o ponto de vista do entrevistador e assume ser justo o estereótipo que o desqualifica como não leitor, afinal ele “não faz questão de ler” e “acha chato ler”. Essas declarações são o reflexo subjetivo da falta de interesse, da indiferença que jovens como ele aprendem bem cedo. Ela não nasce do nada, é uma resposta prática a uma atividade que ele qualifica como “meio chata”. É uma resposta que parece atender à expectativa de quem o interpela partindo do pressuposto de que em se tratando de meninos, estudantes da rede pública, de origem humilde, o desinteresse é naturalizado, e em certas condições, até esperado. O pesquisador de leitura e literatura juvenil João Luis Ceccantini tem constatado uma diminuição de interesse pela leitura junto a esse segmento jovem, masculino, em fase escolar, uma vez que a leitura é considerada atividade mais afeita ao comportamento feminino, das meninas. Assim, a resposta do jovem menino parece corroborar essa percepção de Ceccantini, ao dar sua opinião de que “acha meio chata”.

Essa declaração do jovem é modalizada uma vez que ao enunciar a respeito da leitura ele afirma que “acha meio chata”. O jovem sabe que não pode afirmar que ler é simplesmente “chato”, por isso ele modaliza de duas formas a sua apreciação: ele emprega o verbo “achar”, que indica ausência de certeza; e ele emprega o modificador adverbial “meio”, ou seja, não totalmente, não plenamente.

Nos estudos de Maria Helena de Moura Neves (2000), a autora discute sobre a modalização (como o falante expressa opinião, certeza e julgamento) e como certas formas sintáticas (verbos, advérbios, modalizadores, etc.) desempenham um papel funcional em enunciados. Usando a afirmação de Adriel como exemplo, o verbo que expressa opinião “achar”, em conjunto com o

advérbio graduador “meio”, refletem uma certa estratégia de modulação semântica do sujeito. Ou seja, não é simplesmente um verbo que descreve uma ação física ou certeza, mas sim, um verbo que mistura a proposição com a perspectiva e realidade do falante. Segundo Neves (2000, p.62), “Há verbos que se constroem com outros para modalizar enunciados, especialmente para indicar modalidade epistêmica (ligada ao conhecimento)”; casos como este, em que este saber e juízo de valor acerca da leitura foi gerado por um tipo de conhecimento, necessidade ou possibilidade epistêmica, ligado à experiência, e que se refere ao grau de certeza ou crença do falante em relação ao conteúdo da sua afirmação.

O emprego do verbo “achar” marca exatamente a incerteza, a subjetividade de juízo do enunciador. Ele não afirma categoricamente “ler é chato”, mas relativiza esse juízo de valor, deixando claro que é sua percepção, sua avaliação. Este uso evita a assertividade total e é utilizada como uma forma de modular o enunciado, com função discursiva e valorativa, o que reforça a ideia de que “achar” aqui, não é totalmente proposicional (não é “achar”, no sentido de “encontrar”), mas sim modalizador, que introduz a subjetividade do falante. Ao utilizar o verbo “achar” também podemos destacar o efeito interacional do enunciado. Nesta declaração, Adriel sinaliza para o interlocutor que ele está expressando uma opinião pessoal, posicionamento que pode servir para suavizar a afirmação e evitar um possível confronto ou represália sobre a indiferença à leitura.

Já o emprego do modalizador epistêmico “meio”, na afirmação, funciona como graduador/aproximador, um tipo de advérbio regulador de intensidade, utilizado aqui para diminuir a força do adjetivo “chato” - indicando que no juízo de valor do falante, a ação não é totalmente ou radicalmente chata. Gramaticistas de abordagem funcional lidam com advérbios como moduladores semânticos, ou seja, são escolhas lexicais que não adicionam conteúdo proposicional novo, mas que modificam a intensidade ou qualidade de juízo do enunciado, seja pra quem enuncia ou para quem recebe. O “meio chato” na afirmação, desempenha a função sintática de adjunto adverbial/advérbio, modificando o adjetivo “chato”, qualificando ou atenuando o adjetivo que o segue. Do ponto de vista da gramática funcionalista (Neves, 2000, p. 244) “O uso dos advérbios e das locuções adverbiais modalizadoras constitui uma das estratégias para marcar essa atitude do falante em relação ao que ele próprio diz”; – expressando uma intervenção do enunciador na definição de valor de seu enunciado.

Quando enuncia “acho meio chato”, o jovem qualifica a prática e suaviza a classificação negativa com a que avalia que a recepção desta afirmação pode ter. Essa leve imprecisão em “meio”

pode significar “um pouco”, “mais ou menos”, sinalizando para o enunciatário que o julgamento, apesar de subjetivo, é amplo, vago – não precisa ser exato, é só uma sensação dele. De forma pragmática, a declaração de Adriel Ihe oferece uma certa proteção discursiva, já que não está completamente comprometido com a ideia forte de que ler seria “chato” ao avaliar o hábito de leitura (caso fosse questionado, ele ainda poderia responder algo como: “Não é tão chato assim, é só meio”), regulando a intensidade do enunciado e seu efeito de sentido.

Quando combinados “acho” + “meio” temos um juízo de valor: pessoal; moderado; que demonstra um certo tipo de insegurança ou reserva, que abre margem para discordância ou suavização da crítica; e que mantém a interatividade ao estimular uma compreensão mais flexível do receptor. Essas escolhas não seriam acidentais, são estratégias gramaticais de uso para um posicionamento discursivo que não o prejudique, em que o jovem utiliza da bagagem que tem para declarar seu juízo de valor sobre uma prática pela qual não se interessa, mas que já opera numa memória discursiva que interdita em certa medida a afirmação de que ler é “chato”.

Diante da declaração desse jovem leitor, analistas do discurso dedicados à leitura devem se perguntar e buscar responder por que e como emerge um dado enunciado e por que e como certas emoções são nele evocadas em relação ao tema abordado? Essas perguntas e suas respostas podem nos auxiliar a romper com a continuidade de falas naturalizadas, tal como nos sugere Foucault:

[é preciso] compreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de sua situação: de determinar; as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar de outras formas de enunciação ele exclui. (Foucault, 2000, p.31)

A menção ao desinteresse nessa matéria aparece como um compartilhamento de imagem negativa sobre a leitura, operando mais uma vez segundo uma dada *memória discursiva*. Este saber discursivo prévio é o que torna possível todo o dizer presente, com base nesse *interdiscurso*, ou seja, com base no conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos sobre pessoas, lugares e práticas.

O interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência de discursiva dominada por um FD [formação discursiva] determinada, os objetos, de que esse sujeito enunciatário se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos, a partir dos quais o sujeito enunciatário vai dar uma coerência a sua declaração. (Courtine, 2009, p.74)

Enunciados como este do jovem Adriel configuram-se, nos estudos discursivos, como um *acontecimento discursivo* que por sua vez materializa e reitera um posicionamento social. O pronunciamento de Adriel é de linguagem simples, coloquial, direta e típica de uma criança de 11 anos. Não se trata de um argumento formal ou intelectualizado, mas de uma enunciação que, por sua simplicidade, reflete uma realidade palpável: a complexa relação social com o livro e a leitura.

Por mais que pareça se limitar a uma preferência pessoal, este discurso é rapidamente enquadrado, um pouco mais adiante na matéria (“a escola dele integra o gigantesco grupo de 65% de unidades de ensino, públicas e privadas, sem bibliotecas no Brasil”), dentro de um dado preocupante: a ausência de bibliotecas escolares. Ao fazer essa conexão, o discurso se transforma: o que até então era assumido como um problema individual, passa a ser sintoma de uma falha institucional e sistêmica.

Este discurso de desinteresse é uma contraparte da “vergonha” ou do “orgulho” que a sociedade atribui à leitura. Na ausência de expectativa de leitura, o desinteresse surge, como na afirmação de Adriel, como uma forma de posicionamento que, de certa forma “se justifica” pela falha institucional, validando o discurso do não-leitor por falta de acesso cotidiano aos objetos e práticas da cultura letrada de prestígio como o da leitura de livros, colaborando com o surgimento deste tipo de emoção. A indiferença nas declarações de Adriel evidenciam a emoção de indiferença sustentada pelo discurso já fornecido, como aponta Curcino (2022, p.12), “as emoções que enunciamos, seja normalizando-as, seja apenas aludindo a seus traços característicos, expressam um modo de avaliar em conformidade com valores coletivamente validados”.

Este tipo de emoção, embasada sobre o discurso de que não há interesse pela leitura entre os brasileiros na sociedade contemporânea, não pode ser desvinculada do contexto e local no qual ele foi enunciado: uma escola Municipal em Belford Roxo, Rio de Janeiro, que, como a maioria das escolas no Brasil não possui biblioteca. Neste caso, a falta de uma biblioteca física e a ausência de uma política institucional de incentivo à leitura transformam o desinteresse em uma espécie de norma aceita socialmente e propagada de forma a espelhar o mesmo desinteresse com que as escolas são tratadas.

Em suma, a mesma matéria que traz a declaração de um sujeito dentro de um respectivo contexto de enunciação, apto a dizer o que disse e o que em geral se diz dele, de modo a legitimar o argumento do texto acerca do desinteresse pela prática, também traz dados e levanta

questionamentos sobre a falta de acessibilidade e compartilhamento dos impressos na modalidade escrita através dos livros. É de resolução lógica, e dialógica, que a falta de livros e bibliotecas de fácil acesso fortalece o crescente número de não-leitores e seus sentimentos negativos ou apáticos em relação a eles. Dado, que demonstra mais uma vez a dualidade sobre a experiências individual dos sujeitos e um fenômeno social mais amplo, respaldado por um discurso vinculado às instituições representantes em nossa sociedade, que foram apresentadas no começo desta análise.

Buscamos, na análise deste enunciado discorrer sobre como se constitui o discurso sobre a indiferença à leitura, como se formula e como circula socialmente, refletindo sobre o papel de emoções que são comumente relacionadas à prática de leitura ou à falta dela.

2.2 “Mais da metade da população do país não lê”

Figura 2: Imagem da matéria selecionada para o *corpus*

Quarta-feira 20.11.2024 | O GLOBO

DA POPULAÇÃO VROS

EDILSON DINHAS/25-6-2024



“As telas estão roubando o tempo do livro. Há mais dificuldade de manter uma leitura em alto nível com capacidade crítica”

Zoara Failla
Coordenadora do levantamento

O desinteresse pela leitura cresce com a idade. Entre crianças de 5 a 10 anos, 38% dizem ler por prazer, índice que cai drasticamente para 17% entre adultos acima de 40 anos. Para Zoara Failla, os dados revelam que o Brasil está perdendo leitores potenciais, já que a queda de interesse e a ampliação no percentual de quem diz não gostar de ler são verificadas a partir dos 14 anos.

Fonte: O Globo

O próximo dado também foi retirado do acervo digital do jornal “O Globo”, com data de publicação em 20 de novembro de 2024⁶, que traz como pauta os resultados da última edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”. Criada em 2001, e lançada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) com o objetivo de mapear os hábitos e comportamentos do leitor brasileiro (e identificar os perfis de consumidores do mercado livreiro) atualmente, ela é considerada a pesquisa mais abrangente na tarefa de detalhar o panorama deste cenário no país, servindo como referência para entender o comportamento de leitores e não-leitores e a sua formação no Brasil.

Como recorte de análise, destacamos o enunciado onde a emoção de desinteresse é mencionada, em:

“O **desinteresse** pela leitura cresce com a idade. Entre crianças de 5 a 10 anos, 38% dizem ler por prazer, índice que cai drasticamente para 17% entre adultos acima de 40 anos. Para Zoara Failla, os dados revelam que o Brasil está perdendo leitores potenciais, já que a queda de interesse e a ampliação no percentual de quem diz não gostar de ler são verificadas a partir dos 14 anos.”

Neste recorte, o sujeito-leitor brasileiro, é segmentado também por uma faixa etária (crianças de 5 a 10 anos, adultos acima de 40 anos, jovens a partir dos 14 anos). O sujeito-leitor é caracterizado pela sua relação com a leitura, que pode ser de "prazer" ou de "não gostar de ler". A emoção aparece logo no começo da reportagem, funcionando aqui, como categoria explicativa e efeito de sentido que o organiza.

O enunciado constrói discursivamente a emoção de desinteresse, indiferença por meio de escolhas lexicais que produzem efeitos de sentido específicos, como: verbos de movimento negativo em “cai drasticamente”, “perdendo leitores” e “queda de interesse” - escolhas sintáticas que constroem uma narrativa de declínio, perda, desalinhamento, reforçando a imagem de afastamento emocional e cultural da leitura.

O desinteresse, não é apenas um dado empírico: ele adquire estatuto de “problema social”, projetando sobre o leitor um juízo de valor sobre a leitura enquanto prática cultural desejável. Sobre os discursos consensuais sobre a leitura, Curcino (2022) aponta que:

⁶ Link: https://d2a9xce884pp5y.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/2024/11/20/SEG/ge201124002SEG1-INFOCHPDPAGE000011358313_m.jpg Acesso em: 22 mar. 2025

A enunciação nostálgica de um passado no qual se cria ler mais e melhor, a expressão de orgulho ou de vergonha derivados da identificação com a representação idealizada do que é ser leitor, ou da consciência da distância entre as práticas que se exerce e aquelas consideradas ideais, fornecem e ampliam o rol de enunciados constituintes dos discursos consensuais sobre a leitura. (Curcino, 2022, p. 12)

Buscando integrar este rol, a emoção de desinteresse aqui constrói discursivamente uma oposição binária: leitura como valor positivo (associada a prazer, desenvolvimento, cidadania, criticidade); e o desinteresse como valor negativo (associado à perda, ausência de leitores, falha social e etc.), uma formulação que se constrói com base em um *pré-construído*. O discurso de desinteresse/indiferença pela leitura não surge isolado, age em uma rede *interdiscursiva*. Segundo Orlandi (2009, p. 43), “As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma relação discursiva em relação a outra”, neste caso, oferecendo uma hierarquia implícita entre a prática de leitura (em um alto nível), e a sua rarefação conforme a idade (objeto de estudo e alarde), ou seja, um interdiscurso pedagógico e culturalista, que historicamente circula no Brasil e associa o ato de ler ao progresso individual e nacional.

É a *formação discursiva* que sustenta diretamente este tipo de enunciado: “O desinteresse pela leitura cresce com a idade”; nele se articulam vários discursos, que servem como atualização de uma dada *memória*, como por exemplo a de que o brasileiro não lê como o quanto deveria; a de que no Brasil há uma apatia pelos livros e pela leitura, e que a falta de interesse pela leitura resulta da pouca motivação e desejo de ler; o desinteresse resulta da falta de tempo gerada pelas funções sociais da vida adulta, etc.

As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (Orlandi, 2005, p.42)

Michel Foucault (1996) em sua conferência “A ordem do Discurso”, enfatiza que o discurso não é um mero veículo neutro de ideias, mas uma instância regulada por procedimentos

de controle, exclusão e rarefação, que delimitam quem pode falar em quais condições e com que efeitos de verdade. Um dos argumentos de autoridade mobilizados no texto é o da citação de declarações de uma especialista, responsável pela condução da pesquisa, Zoara Failla, que coordenou o levantamento: “As telas estão roubando o tempo do livro. Há mais dificuldade de manter uma leitura em alto nível com capacidade crítica”. Sua voz é autorizada, porque enuncia da *posição sujeito* do discurso científico, e apresenta evidências e números que confirmam a qualidade e seriedade do estudo. O que ela enuncia da posição sujeito que ocupa visa a expressar autoridade. Afinal:

Embora em tese, em uma sociedade democrática todos tenham direito a voz, nem todos são efetivamente ouvidos. Essa escuta se relaciona em grande medida com a adequação atribuída àqueles que enunciam e àquilo que enunciam, adequação tributária das condições sócio-históricas dos sujeitos e da vinculação do que enunciam a certos posicionamentos que, mais do que outros, são difundidos e naturalizados na guarida das de distintas instituições que lhes outorgam seu valor de verdade. Essa “ordem” é a responsável pelas condições de enunciabilidade em um dado tempo e espaço. (Curcino, 2022, p.2)

Diferentemente de declaração já analisada neste trabalho (Adriel, 11 anos), a afirmação da coordenadora articula um outro tipo de discurso, de constatação científica, saindo de uma dualidade subjetiva/grupo social, para uma modalização avaliativa, marcando o discurso de Zoara como normativo e regulador do que seria uma prática de leitura legítima. Em comparação com o depoimento de Adriel, um sujeito inscrito em uma formação discursiva escolar periférica, onde a leitura não aparece como prática de prestígio ou exigência central, é que notamos o grande contraste das enunciações acerca da leitura.

A relação entre estas duas posições-sujeito evidencia o deslocamento de sentido e emprego deste tipo de emoção. De um lado, um sujeito (Zoara) posicionado no discurso institucional que valoriza o livro como instrumento de crítica, de valor absoluto, ancorado na memória discursiva da leitura como prática formativa e civilizatória e no desinteresse como problema social; em outro, um sujeito (Adriel) inscrito em uma formação discursiva de desinteresse escolar, atravessado pela ausência de incentivo e pela naturalização de que “ler é chato” – dois lados de uma moeda que julga valores simbólicos, sentidos e emoções acerca da leitura.

Ainda nesta parte, ao fazer menção à prática de leitura literária e o que ela exige, a saber, um “alto nível de capacidade crítica”, a coordenadora articula uma memória discursiva sobre a

legitimação do leitor, ou seja, o leitor deve ser capaz de estabelecer um nível de interpretação avançada que só pode ser adquirido através da leitura de obras literárias.

Essa historicização da leitura e das suas representações fornece uma lente crítica para analisar discursos sobre a prática na sociedade contemporânea, pois nos auxiliam a perceber como o consenso geral de desinteresse e indiferença à leitura invisibilizou formas mais populares da prática, e ainda, definiu padrões rígidos de “bom leitor”. Nos estudos de Márcia Abreu (2006), a autora problematiza a naturalização de juízos negativos de valor sobre a cultura letrada no Brasil, analisando como - desde o séc. XIX – viajantes estrangeiros relatavam o Brasil Colonial como um lugar de “fracasso” em termos de leitura, e fazendo referências à ignorância ou ao desinteresse da população pela leitura. As obras que relatavam a falta de acesso à alta leitura - obras de origem europeia e culturalmente eruditas – demonstrando uma visão xenofóbica e generalizada do que consideravam demonstrações de cultura e civilização. Esses relatos segundo a autora, propagaram a construção e circulação da imagem histórica de precariedade ou desinteresse diante da leitura., sendo construções carregadas de valores, ou seja, operando como efeitos do discurso de precariedade intelectual do povo brasileiro; de literatura literária construtora de criticidade e civilização; de erudição através de obras legitimadas como culturais, e etc.

Ao questionar a autoridade dos discursos que sustentam haver um desinteresse e apatia da população brasileira em relação à leitura, a autora explora a duplicidade da visão europeia no que diz respeito às condições culturais que regularizavam a sua visão de cultura e letramento. Quando, ao afirmarem a precariedade das instituições de ensino e inadequação escolar e ao explicitarem a falta de livros em circulação no mercado colonial, as afirmações destes viajantes e suas obras difundiram uma rede interdiscursiva que foi parafraseada sócio historicamente por intelectuais, instituições e sujeitos, assumindo valor de verdade sobre a deficiência da prática de leitura e do consumo de leitura literária. A esse respeito, Abreu (2006) afirma que:

Não obstante, nos séculos seguintes, intelectuais e escritores brasileiros – desconsiderando as condições em que foram produzidas as obras dos viajantes – adotariam a ideia de desinteresse pelo mundo das letras e a repetiriam e repetem incessantemente. Dessa forma, os discursos dos viajantes fundaram uma concepção cultural do país, tornando-se parte constitutiva de nossa identidade. (Abreu, 2009, p. 93)

Em suma, na formulação analisada, se observa a atualização desse discurso depreciativo e naturalizante da relação do brasileiro com a leitura, marcada pelo desinteresse, e que se inscreve, hoje em dia, em cadeias de memória que contrapõem a leitura ao prazer midiático (TV, telas, redes sociais). São mobilizados discursos de caráter cultural, já que a leitura é vista como prática de alta cultura e distinção simbólica, e dentro do contexto educacional o ato de ler é um indicador de cidadania e desenvolvimento, alinhado a ideologias de progresso social.

Portanto, neste caso o substantivo “desinteresse” não aparece como signo neutro; ele organiza uma rede de sentidos atravessada pelo interdiscurso pedagógico, cultural e midiático, mobilizando memórias discursivas que reiteram a narrativa de uma “crise na leitura”. Sua formulação se ancora em formações discursivas, ou seja, no já dito parafraseado com base em um discurso que já está em circulação enraizado em questões sociais e históricas onde este tipo de emoção pela leitura já está naturalizado, em contextos de alarde social ou atividade imposta.

2.3 “Como começar a gostar de ler”

Figura 3: Imagem do trecho do ensaio selecionado para o *corpus*

Motoko Rich

NEW YORK TIMES

Talvez a história recente mais fantástica não seja *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, mas *The Uncommon Reader* (O Leitor Incomum), romance de Alan Bennet, que imagina a rainha da Inglaterra tornando-se repentinamente, no fim da vida, uma leitora voraz. Numa época em que os **livros** parecem empreender uma árdua batalha contra as forças do MySpace, do You Tube e do *American Idol*, a idéia de uma pessoa conseguir, tão rapidamente, passar da indiferença literária para uma paixão devoradora é, infelizmente, algo improvável.

Fonte: O Estado de S. Paulo

O enunciado a seguir foi retirado do acervo digital do jornal “O Estado de S. Paulo” (O Estadão), em texto intitulado “Como aprender a gostar de ler”⁷, no qual são mobilizados vários argumentos que afirmam a perda do espaço do livro e da leitura para práticas com prazer mais imediato, como as várias plataformas de entretenimento. Publicado em 5 de janeiro de 2008, no Caderno 2, Literatura Ensaio, de autoria de Motoko Rich e com tradução de Terezinha Martino, este dado foi o único que encontramos com a palavra-chave “indiferença” relacionada à leitura. O ensaio, discute a ideia de que o gosto pela leitura, muitas vezes, nasce a partir do encontro com um primeiro livro arrebatador - aquele que provoca uma experiência, intensa, inesperada e transformadora.

O ensaio, discute a ideia de que o gosto pela leitura, muitas vezes, nasce a partir do encontro com um primeiro livro arrebatador - aquele que provoca uma experiência, intensa, inesperada e transformadora, pois muitos leitores só descobrem o prazer de ler na adolescência ou na vida adulta. A autora enfatiza que ler é uma experiência profundamente pessoal e que o envolvimento com uma narrativa é o que cria o vínculo duradouro com a prática de leitura e o que abre portas para o universo dos livros. Ao apresentar esses argumentos, a reportagem tem como objetivo investigar e mostrar o processo segundo o qual não-leitores são tomados pelo chamado “gosto” pela leitura, buscando desmistificar a ideia de que é preciso para ser leitor ler desde cedo. No texto, a autora busca ainda mostrar que o “livro certo” pode mudar tudo. Ela reflete sobre o crescente desinteresse pela leitura, em um contexto onde há uma disputa, entre a leitura de livros e as mídias digitais emergentes (à época, MySpace, Youtube e American Idol).

A emoção da indiferença, por mais que tenha seus sinônimos também aqui apresentados, surge uma única vez no trecho:

Numa época em que os **livros** parecem empreender uma árdua batalha contra as forças do MySpace, do Youtube e do *American Idol*, a ideia de uma pessoa conseguir, tão rapidamente, passar da **indiferença literária** para uma paixão devoradora é, infelizmente, algo improvável.

⁷ Link: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080105-41717-spo-63-cd2-d5-not/busca/livros>. Acesso em 16 abr. 2025

Ao analisarmos as escolhas lexicais que provocam os efeitos de sentido neste enunciado, destacamos o período introduzido por “Numa época em que...”; onde identificamos um marcador temporal discursivo que situa o enunciado em um contexto histórico e sociocultural específico: a ascensão das plataformas digitais e da cultura do entretenimento rápido. Essa construção cria uma relação de causalidade implícita, algo como “por causa da época, ler se torna mais difícil”; uma paráfrase possível deste tipo de afirmação que ativa de forma completa um pré-construído de que a tecnologia ameaça o livro.

Neste enunciado, temos a presença de um leitor em potencial, que é apresentado como indiferente aos livros e à leitura, e que é referido como “uma pessoa”. A autora faz menção ao sujeito comum que consome e segue os preceitos do cenário cultural contemporâneo da época. É importante ressaltar que este enunciado não faz menção somente à leitura, mas à **leitura literária**, fazendo referência ao consenso segundo o qual ler é ler obras literárias consagradas, ler é ler livros ficcionais para fruir. Esse é um dos consensos irrefletidos quando pensamos nos livros, na leitura e nos leitores.

Esses discursos são mobilizados em torno do tema da leitura e regem o que em geral todos nós dizemos dessa prática, que tem origem em instituições como a escola, que distribuem ou reforçam as emoções dos sujeitos

Nossas escolhas em matéria de leitura, ou seja, a forma como escolhemos o que lemos, o que dizemos sobre essa prática, sobre os títulos e autores lidos e sobre nós como leitores respondem, em grande medida, a um repertório discursivo idealizado, amplamente difundido e conhecido, definido com alguma variação para cada comunidade leitora, cuja apropriação e partilha autoriza e autentica o pertencimento dos sujeitos a essas comunidades, como sendo um dos seus membros, como sendo um leitor legítimo. (Curcino e Silva, 2024, p. 268-269)

No enunciado, nos é apresentado um cenário cultural marcado pela disputa entre literatura literária e outras formas de entretenimento digital (“os livros parecem empreender uma árdua batalha contra as forças do MySpace, do Youtube e do *American Idol*). A leitura já identificada segundo o consenso, aparece aqui como algo ameaçado, em declínio ou subordinado à lógica do consumo de produções culturais de forma rápida, visual e de compreensão imediata ofertada pelas plataformas. Nesse sentido, o sujeito descrito no enunciado é um não-leitor ou um leitor indiferente, posicionado de forma passiva e cômoda, absorvido por estímulos audiovisuais que competem com

a leitura literária. Ou seja, aqui a indiferença é resultado de um meio social de alto estímulo tecnológico. Um pouco mais adiante em “a ideia de uma pessoa conseguir [...] é infelizmente, algo improvável”; o advérbio “infelizmente” nos revela uma modalização avaliativa do enunciador, ou seja, este elemento nos mostra que há um juízo de valor negativo, pessimista, sobre a dificuldade de formar leitores. O efeito de sentido provocado por este elemento com o acréscimo de “improvável” projeta um efeito de sentido que gera pouca expectativa; e marca um pessimismo em relação ao surgimento de novos leitores. Ele ainda indica mais uma vez a situação ameaçada do cenário da prática de leitura.

Em sua constituição, o enunciado se insere em uma tradição discursiva recorrente em nossa história sociocultural: a de que existe a máxima oposição entre a cultura letrada e a cultura do entretenimento. Esse duelo foi naturalizado pelos discursos que defendiam o livro como instrumento de formação intelectual, e pelos discursos de declínio da leitura que acompanharam a expansão do rádio e da Tv, por exemplo. Essa posição mobiliza uma memória discursiva que coloca a leitura em uma posição ameaçada, pois, e seguindo essa lógica, toda vez que uma nova mídia surge, o livro e a prática de leitura aparecem como perdedores.

Este enunciado pertence a uma formulação discursiva que associa a leitura ao esforço pessoal que independe de condições sociais e materiais, individualizando o problema, ao culpar o sujeito e o ambiente digital, apagando questões de desigualdade de acesso aos livros, de formação escolar e de políticas públicas de leitura anteriormente abordadas neste trabalho.

É importante ressaltar que a temática acerca das plataformas de entretenimento apresentadas no ensaio do qual o texto foi retirado, coincide com o período de crescente expansão, criação e domínio de mídias sociais e das plataformas mencionadas (entre o início dos anos 2000 e 2010), o que corrobora para a sua menção e problematização.

O texto em si, intensifica esta oposição ao apresentar o interesse espontâneo e avassalador pelos elementos literários ao utilizar a expressão “árdua batalha”, que reforça uma espécie de luta contra os elementos midiáticos. Esta expressão traz um tom dramático ao cenário cultural, sendo uma referência quase bélica, uma expressão que sugere resistência, desgaste e enfrentamento desigual, mobilizando também o efeito de sentido projetado. Em sequência, ao abordar a “indiferença literária”, e sua transformação em uma “paixão devoradora”, podemos evidenciar a marca de dois polos extremos: a leitura como experiência intensa legitimada, e a lógica contemporânea, sustentada pelo contexto histórico atual, como bloqueadora desta intensidade. A

emoção de indiferença aqui, não é uma resposta à falta de estímulos, mas a evidência de que ambos os mundos não se relacionam, produzindo um efeito de verdade em que o sujeito que vive nas mídias não consegue se interessar ou adquirir o hábito de leitura.

Ao integrar o rol de notícias, ensaios e matérias jornalísticas que exploram a temática da prática de leitura e o interesse pelos livros, este texto utiliza o espaço já legitimado de um jornal de ampla circulação. Esse meio dispõe de autoridade e valor para sustentar este tipo de argumentação, que se dirige a um público já considerado “culto”, por ler jornal, ou que seja distinto por ser capaz de reconhecer o valor da leitura como prática cultural desejável e consagrada.

Tendo este caráter inicial, o título do texto evidencia um outro tipo de lamento, em “Como começar a gostar de ler”, podemos notar um esforço colaborativo entre instituições para trazer o leitor de volta, ou ainda, para inscrever leitores em potencial na comunidade praticante de leitura literária. O ensaio menciona que é “preciso encontrar o livro arrebatador”, para despertar o sujeito leitor, condição que reforça a lógica do encontro transformador de integração a este universo.

[...] as narrativas destacam o poder emancipatório dos livros e da leitura, seu poder salvacionista, por isso são representados como fonte de esperança, de sucesso, como meio potente de formação e como elemento decisivo na mudança das condições de vida. A sorte do encontro, em geral tardio, errático e fortuito com os livros e a leitura é, neste caso, descrita como um ponto de inflexão em suas histórias de vida, e, por isso, essas narrativas assumem um tom solene, adotam as metáforas conhecidas e os adjetivos consensuais fornecidos pelos discursos legitimados sobre a cultura letrada e seu objeto-fetiche, o livro. (Curcino, 2020, p.84)

O enunciado em si, constrói e faz referência à indiferença à leitura como um estado emocional e cultural decorrente da era digital, apresentando o sujeito como alguém afastado da experiência profunda de leitura por formas de entretenimento consideradas superficiais. Trata-se da mobilização de discursos que idealizam a leitura, prática que moraliza o ato de ler (como forma subjetiva de autoafirmar-se socialmente); e que maximiza outras formas de consumo de entretenimento como forma de prazer vencedora. Por mais que, durante o restante do texto, sejam apresentadas outras formas de recuperação do leitor, a “batalha árdua” já foi vencida pelas plataformas midiáticas, e este resultado justifica a falta de interesse do sujeito.

No que diz respeito ao tom saudosista, ou seja, essa referência há uma idealização de um tempo, em que se “lia mais e melhor”, como se a leitura literária tivesse ocupado um lugar de maior

relevância social e cultura. Essa referência ou movimento de se lamentar a “perda” de um passado leitor, provoca nostalgia e faz a emoção funcionar como uma reguladora de valor, ela acusa a decadência cultural, legitima o sentimento de urgência sobre a pouca prática de leitura e valoriza a leitura literária como patrimônio a ser resgatado.

Nos estudos de Curcino (2022), a autora evidencia que, nos discursos sobre a leitura, aparecem com frequência emoções como orgulho e vergonha, ligadas a autoidentificação como leitor ou não-leitor, e a nostalgia como emoções recorrentes em discursos sobre a leitura. Ao contrário de um simples diagnóstico contemporâneo, o discurso de nostalgia insere um juízo moral em “ler mais”, que seria tomado quase como um dever cultural e social. A nostalgia, nesse sentido, não é um sentimento neutro e funciona como mecanismo de projeção simbólica, o saudosismo é aqui interpretado por nós, como outro dispositivo de poder-saber, pois contribui para afirmar formulações em que “ler mais”, “ler literatura de verdade” se tornam parte de uma “*memória discursiva*”, definindo quem pode ser chamado de leitor e quais práticas culturais são valorizadas. Segundo Curcino (2022, p. 12), “[...] Essas formas de qualificação são responsáveis pela proximidade ou distância que os sujeitos reconhecerão quanto ao que fazem e ao modo como vivenciam a prática de leitura”; de modo que a indiferença e a nostalgia, como emoções valorativas, produzem subjetividades específicas e que subjugam outras: aqueles que consomem apenas mídias sociais, os que leem pouco ou os que preferem formas de entretenimento mais imediatas.

Em suma, este dado demonstra e descreve o discurso de indiferença, pois os discursos que mobiliza produzem um modo de pensar, sentir e valorizar a leitura, concomitantemente, também produzindo o discurso de não-leitor, ou indiferente, como sujeito a ser recuperado.

2.4 “Harold Bloom resgata clássicos juvenis para enfrentar Harry Potter”

Figura 4: Imagem do trecho retirado da entrevista selecionado para o *corpus*

Estado – Qual é, em sua opinião, a maior ameaça ao futuro da leitura?

Bloom – Acho que é uma questão tanto tecnológica quanto política. O primeiro inimigo seria a sedução da imagem, que hoje é oferecida por computadores (a internet em particular), cinema, televisão, realidade virtual. E também a atração pelo que chamo de “religião do rock”, oferecida pelo rap, MTV e todos esses meios barulhentos. Outro inimigo é a forma como os governos coordenam a educação básica, que cada vez mais incentiva um desinteresse pela leitura. Em minhas viagens pelos Estados Unidos e outros países (lembro Portugal, Itália, a região da Escandinávia), percebi que, quando há o incentivo correto à leitura, é possível encontrar pessoas apaixonadas pelas histórias de Virginia Woolf ou pelo e-book. Assim, contestei o tema do simpósio e o troquei por *Download and You'll Die* (Baixe o arquivo e Morra). E, com os anos, ao menos aqui nos Estados Unidos, constatamos que o e-book foi um fiasco.

Estado – O que as crianças conseguem obter da leitura que também não obtenham da televisão ou do cinema?

Bloom – Isso exigiria uma resposta enorme. Quando eu era jovem, adorava assistir a filmes que se tornaram clássicos como os de Fellini e Ingmar Bergman. Eram incontestáveis na época. Anos depois, revendo-os na televisão, percebi que nem todos os consideravam ainda clássicos. Já um livro, quando se torna um clássico, assim o será por muitos séculos: terá sempre a refrescante característica de novo e nunca morrerá.

**CLÁSSICOS
LITERÁRIOS
JAMAIS VÃO
MORRER**

Fonte: O Estado de S. Paulo

O enunciado a seguir foi retirado do acervo digital do jornal O Estado de São Paulo, com data de publicação em 22 de fevereiro de 2003⁸, e contém um trecho extraído da entrevista que o jornal realizou com Harold Bloom, famoso crítico literário. A entrevista foi realizada por Ubiratan Brasil, e nela, Bloom foi questionado sobre inúmeras questões envolvendo a prática de leitura da comunidade mais jovem, inclusive, sobre os best sellers mais consumidos por essa geração. Daí,

⁸Link: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030222-39939-spo-61-cd2-d4-not>. Acesso em 11 abr. 2025.

surge o caráter defensivo presente no título da entrevista, posicionamento, que demonstra o conservadorismo do discurso mobilizado pelo crítico e a sua preferência pelos clássicos.

Considerado por grandes mídias⁹ como o crítico literário mais notório das Américas, Harold Bloom teve uma carreira centrada na defesa de cânones e no endeusamento de escritores como Shakespeare, Chaucer e Kafka. Nascido em 11 de julho de 1930, no Bronx, Nova York – EUA, Bloom cresceu em um ambiente onde a leitura e a tradição cultural eram elementos importantes, em uma família judia emigrante da Europa Ocidental. Em sua trajetória acadêmica, lecionou durante décadas na Universidade de Yale, tornando-se uma das figuras mais influentes do Departamento de Inglês, e concomitantemente, se firmando como um dos maiores críticos literários da história. Seu falecimento ocorreu em 14 de outubro de 2019, alguns anos após o registro desta entrevista pelo jornal, deixando, além do material que analisamos, mais de 40 livros incluindo ensaios críticos, ensaios de teoria literária e obras voltadas ao público geral.

Este breve contexto biográfico serve de introdução e atualização da posição sujeito anteriormente mencionada neste trabalho. Mais uma vez, lidamos não apenas com um indivíduo que fala, mas com um enunciador que ocupa uma posição sujeito autorizada a falar da leitura, em uma *formação discursiva* que intensifica essa autoridade de quem enuncia.

Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (Foucault, 1970, p.23)

Ao ser questionado durante a entrevista, com a pergunta - “Qual é, em sua opinião, a maior ameaça ao futuro da leitura?”; Bloom discorre da seguinte forma:

1. Acho que é uma questão tanto tecnológica quanto política. 2. O primeiro inimigo seria a sedução da imagem, que hoje é oferecida por computadores (a internet, em particular), cinema, televisão, realidade virtual. E também a atração pelo que chamo de “religião do rock”, oferecida pelo rap, MTV e todos estes meios barulhentos. 3. Outro inimigo é a forma como os governos coordenam a educação básica, que cada vez mais incentiva um **desinteresse** pela leitura.

⁹ BLOOM, Harold. A Bright Book of Life review. *The New York Times*, [S.l.], 23 jan. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/topic/person/harold-bloom>. Acesso em 01 dez. 2025.

No enunciado 1, Bloom aponta as grandes ameaças ao hábito de leitura, inclusive, usando-os como justificativa para a emoção de desinteresse dos leitores. Ele condena os sujeitos e instituições que são com bastante frequência responsabilizados: o estado e as instituições escolares negligentes que não estimulam o leitor em potencial logo na educação básica; e o super estímulo digital que produz um sujeito desinteressado - ambos, discursos que aparecem como inimigos da formação do sujeito leitor. Este enunciado apresenta três elementos centrais: a leitura como valor cultural positivo e objeto digno de defesa e preservação; a tecnologia (rival da leitura); o governo e o sistema educacional (política). O sujeito não leitor já nos é apresentado como resultado negativo de uma política e de um modo de organização educacional + o surgimento de formas de prazer mais imediatas e atrativas.

O que nos leva ao enunciado 2, ao fazer referência às recentes mudanças tecnológicas e ao seu apelo visual em “sedução pela imagem” ou “a religião do rock” e “todos esses meios barulhentos”, Bloom defende uma posição conservadora sobre a sociedade contemporânea. Ao utilizar a expressão “primeiro inimigo”, o enunciador assume que existem outras variáveis que produzem o desinteresse pela leitura. Porém, ao apresentar estes adjetivos aos novos interesses da população não leitora, o crítico mobiliza uma memória amplamente difundida: o desinteresse pela leitura é um empobrecimento e descuido cultural. Outras formas de entretenimento estariam ocupando o tempo e o espaço destinado à leitura, substituindo o culto da leitura literária, por práticas menos enriquecedoras, mais fáceis e mais “barulhentas”.

Neste enunciado, também destacamos as escolhas lexicais de Bloom, ao atribuir as palavras “sedução” e “barulhentos” para qualificar os outros meios de entretenimento contemporâneos. Ao utilizar em sua afirmação a palavras “sedução” o crítico mobiliza discursivamente um movimento semântico ligado à moral e afetivo: por “sedução” naturalmente associamos ao ato de “seduzir”, que tem valor semântico ligado à tentação, ao desvio, a esse fascínio enganoso. Deste modo, a escolha deste léxico é utilizada como antagonista em relação a prática de leitura, produzindo um efeito de sentido que destacaria a “sedução” como um adversário persuasivo, e como resultado, um sujeito seduzido e entregue a uma força superficial, enganosa e menos “respeitada”. Ao utiliza-la, Bloom reinscreve-se em uma formação discursiva elitista, que opõe a cultura letrada (erudita, nos livros) e a cultura de massa (imagens e plataformas digitais).

Agora, em sua declaração ao fazer referência a “todos esses meios barulhentos”, o crítico atribui valência negativa e desqualifica da cultura a criação e generalização da cultura pop. Com o uso de “barulhentos”, o efeito de sentido provocado remete ao excesso, barulho, falta de ordem, incômodo – associações que possuem e provocam sentimento negativos e que expressam a carga sociocultural que lhes é atribuída pelo crítico. Ou seja, uma escolha lexical que desqualifica a música pop, o rap, a MTV e que expressa uma hierarquização social negativa destes objetivos, derivada da sua posição conservadora e normativa. Trata-se portanto, de uma estigmatização de práticas culturais contemporâneas que desqualificam esses meios pelo seu valor estético, pela pobreza de conteúdo e que reforça uma visão nostálgica e também elitista de cultura e de seus meios de lazer.

Em 3, ao utilizar a palavra “inimigo” mais uma vez, Bloom produz um efeito de confronto, criando uma arena simbólica, onde de um lado temos a literatura literária como bem cultural *versus* a educação estatal como força desmotivadora, o real motivo de desinteresse. O discurso aqui mobilizado, de leitura como moralizador social, acaba por transformar um problema histórico e estrutural – as transformações do hábito de leitura na modernidade – em um adversário material, um culpado identificável. Nessa operação discursiva a complexidade social é reduzida, o sujeito é visto como produto de mais de uma instituição.

Este tipo de enunciado contrapõe a prática de leitura desejada: culta, espontânea e prazerosa; a superficialidade da educação básica contemporânea, baseada, em um sistema de ensino burocrático, centrado na padronização de políticas de ensino, que, no caso do incentivo à leitura, não funcionam. Ele ainda projeta certa nostalgia, ou inveja, de outros governos idealizados (passados ou atuais de outras localidades) em que a escola teria formado leitores engajados, cultivados por outras políticas (o que historicamente, só ocorreu com elites). Em suma, neste dado os enunciados foram analisados a partir de uma posição sujeito do crítico literário especializado nos cânones de literatura, uma figura central da cultura letrada ocidental, defensor da alta literatura e dos clássicos. Sua posição se sustenta na condição de juiz da formação ética do sujeito, defendida pelo caráter erudito associado à leitura, este pertencimento simbólico à tradição da cultura letrada. O enunciado de Bloom reside no mesmo local de legitimação de outras figuras de autoridade consultados sobre a prática de leitura e sobre o consumo dos livros. Trata-se, portanto, de um discurso que não apenas interpreta a realidade educacional, mas propõe um modo de ver o não

leitor, o leitor, a leitura, a sociedade - e que define o lado “inimigo” de uma batalha cultivada por questões culturalmente históricas -, pela bagagem ideológica do enunciador.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisados no decorrer deste TCC discursos que circulam em grandes veículos de massa, que operam na circulação de certas regularidades discursivas: as emoções comumente associadas à prática de leitura - estas que sustentam a projeção de sentido sobre a leitura, os livros, leitores e não-leitores na contemporaneidade. Com a análise dos enunciados pudemos observar as formas de mobilização de uma emoção específica, a “indiferença”, em geral atribuída ao outro de quem se fala, para o que os enunciadores dos textos de onde foram retirados os enunciados recorreram tanto ao discurso científico, em especial à evocação de dados quantitativos divulgados por instituições legitimadas, quanto nas afirmações e declarações de sujeitos enunciadores dos textos ou aqueles de quem se falava nos textos, e que assumiam suas posições em formulações discursivas específicas, as quais buscamos descrever.

Parte desses enunciados eram tributários de um discurso elitista, para o qual os dados quantitativos divulgados pela mídia sobre os hábitos de leitura no Brasil davam legitimidade, inscritos em uma mesma formação discursiva que concebe a leitura literária como prática ideal, mas em declínio junto aos sujeitos (leitores ou não-leitores), declínio que vem se estabelecendo progressivamente, e que se observa na “indiferença”, na “apatia” e no “desinteresse” que se alega regerem hoje as práticas de leitura, especialmente aquelas relativas ao universo literário.

Ao relembrarmos os enunciados que aqui foram analisados, a emoção da “indiferença” e do “desinteresse” não surgem como sentimentos isolados, mas como efeito de dispositivos sociais – sejam eles tecnológicos, culturais, institucionais - que responderiam e contribuiriam para a reiteração de alguns consensos sobre a leitura e sobre os leitores brasileiros. Nos dados apresentados, que apoiam as declarações dos sujeitos (legitimados ou não) para se referirem à leitura, a “indiferença” e o “desinteresse” nos são apresentados como emoções que discursivamente foram construídas como resultado de um contexto externo que moldaria o sujeito, seja pela falta de políticas públicas de ensino à leitura; pela expansão de meios de entretenimento e da mídia pop; pela falta de incentivo geracional; pela não identificação com a imagem de “leitor”; pela realidade

em que o sujeito do enunciado está inserido; enfim, pela normalização do sujeito não-leitor como algo esperado.

Outra regularidade encontrada diz respeito aos marcadores linguísticos desse declínio que, nos enunciados, sucedem a emoção de “desinteresse” e “indiferença”, reforçando a percepção de uma crise real para a perspectiva de futuro da prática de leitura. As expressões como “árdua batalha”, “queda de interesse”, e emblematicamente, “leitura nada dinâmica”, compõem uma semântica de perda, insuficiência e inadequação, formulações que demonstram a dificuldade em manter sua relevância e seu apelo emotivo nos sujeitos.

Em 3 dos enunciados analisados, a busca com a palavra-chave “desinteresse” levou a ocorrências que implicam discursos avaliativos e institucionais quanto ao perfil dos leitores, especialmente jovens. A esta maior ocorrência atribui-se a hipótese de que a sua escolha lexical é utilizada como uso gerencial, técnico e valorativo. De modo que esta emoção foi encontrada nos enunciados analisados como se fosse um comportamento quantificável, no caso, é possível se medir interesse e desinteresse, ao utilizar porcentagens e números quantitativos geralmente empregados em pesquisas e levantamentos (como em “Retratos da Leitura no Brasil”, por exemplo), de forma a quantificar a perda ou acréscimo no número de leitores. O mesmo não vale ao uso de “indiferença”, no enunciado em que foi encontrada, a emoção não aparece como elemento quantitativo, mas como fato e afirmação sobre o pouco interesse a leitura e do ponto de vista de quem escreveu o ensaio. Assim, percebemos que “indiferença” não é utilizada com a mesma precisão discursiva de “desinteresse” nestes enunciados o que corrobora para o seu menor uso em textos de gênero jornalístico. Vale ressaltar, que não descartamos a possibilidade de maior uso de “desinteresse” por se tratar de uma palavra que seria mais aceitável socialmente, de modo não acusatório e definitivo como o uso de “indiferença” (por exemplo: “os jovens tem desinteresse pela leitura”, soa menos agressivo e acusatório do que “são indiferentes à leitura”)

Dentre os motivos para o maior encontro de “desinteresse”, podemos sugerir que essa escolha lexical se ajustaria melhor ao discurso pedagógico e as políticas de incentivo à leitura, sendo útil ao sugerir um estado reversivo e que o sujeito pode ser sensibilizado através da intervenção da escola e outras instituições, ou seja, sugerindo a possibilidade de intervenção e reintegração à prática. Ou ainda, podemos atribuir o seu uso a uma perspectiva sócio histórica em que a leitura tem valor cultural, o que torna “indiferença” um termo mais ameaçador e condenatório

sobre o futuro da prática, dessa maneira, sendo pouco utilizado em estudos e levantamentos, garantindo um tom mais esperançoso sobre o cenário contemporâneo de leitura.

Nesta análise, os enunciados diferem quanto a posição sujeito e a ordem do discurso, as operações de poder, que os mobilizam. Os enunciados apresentam posicionamentos que ora usam de uma posição autorizada, ora operam sobre a formulação do discurso científica e da mídia estatística, ou referentes a uma memória discursiva projetada em um ambiente pouco favorecido socialmente. Embora distintos, todos convergem ao produzir uma figura recorrente: a de um sujeito leitor em desaparecimento, marcado pela perda de interesse e falta de engajamento com a leitura.

Ainda ressaltamos que ao colocar em circulação sentidos que associam à leitura como uma prática que exige tempo, maior concentração e dedicação, prática elitizada e, segundo esses enunciadores dos textos dessa nossa amostra, pouco valorizada atualmente, ao passo que vinculam a modernidade cultural e essa “indiferença” a práticas de prestígio cultural, como a leitura de livros literários, à rapidez e ao entretenimento, esses discursos contribuem para a naturalização da indiferença leitora como fenômeno cultural da atualidade.

Essas regularidades contribuem para a constituição de um saber, com valor de verdade social, no qual a leitura é vista como uma atividade valorizada, mas praticada por poucos sujeitos, estimada e referenciada como essencial para a formação pessoal e ascensão social, mas que vem sendo negligenciada, ou não tem grande apelo, junto a maior parte da população do país, “indiferente”, “apática”, “desinteressada” quando o assunto é a leitura.

Em suma, nossas análises neste TCC buscaram explicitar a “formação” desses discursos sobre a leitura que mobilizam a emoção da “indiferença” e de seus equivalentes como a “apatia” e o “desinteresse”, por meio da descrição de sua “formulação” e de sua “circulação” em textos da atualidade, no cenário brasileiro e que reforçam uma memória discursiva difundida ainda no Brasil colonial (Abreu, 2009). Essa análise buscou no que enunciam e no modo como enunciam esses sujeitos que se referiram à leitura em textos da mídia depreender, das emoções relacionadas à prática, o papel desempenhado pela “indiferença” no funcionamento dos discursos sobre a leitura em nossa sociedade, evidenciando como estes discursos não apenas refletem, mas produzem modos de ser leitor e de compreender o lugar da leitura na cultura atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Apatia, ignorância e desinteresse – uma história da leitura no Brasil?**. Revista Desenredo, [S.I.], v.2, n.1, 2009. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rd/article/view/501>. Acesso em 02 dez. 2025.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BRASIL, Ubiratan. **Harold Bloom resgata clássicos juvenis para enfrentar Harry Potter**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 22 fev. 2003. Entrevista. Caderno 2 – Literatura, p. 61. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030222-39939-spo-61-cd2-d4-not>. Acesso em 11 abr. 2025.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CURCINO, Luzmara. **Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática**. MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras v. 1, n. 57, p. 74-91, dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.8874>. Acesso em: 09 de set de 2025.

CURCINO, Luzmara. **Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: As emoções em discursos sobre a leitura**. *Alabe Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura*, vol.25. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15645/Alabe2022.25.3> . Acesso em: 09 de set de 2025.

CURCINO, Luzmara. **As emoções em discursos sobre a leitura**. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. [org.]. *O Discurso e as Emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 79-92.

CURCINO, Luzmara; CERVEZÃO, Marina Vieira. **“Você por acaso sabe ler?”: uma análise de injúrias culturais em discursos sobre a leitura**. ARAÚJO, Lígia; NOGUEIRA, Luciana; VARONI, Pedro; BARONAS, Roberto [org.]. *Estudos discursivos na contemporaneidade: o histórico, o político, o literário e o digital*. Campinas: Mercado de Letras, 2024, p. 99-114.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

O ESTADO DE S. PAULO. **História do Grupo Estado nos anos 1870**. Acervo Estadão, São Paulo, s.d.]. Disponível em: [<https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada1870.shtm>]. Acesso em: 18 set. 2025.

O GLOBO. **Como nasce um jornal: a história por trás da escolha do nome “O Globo” em 1925**. O Globo, Rio de Janeiro, 24 jul. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/100-anos/noticia/2025/07/24/como-nasce-um-jornal-a-historia-por-tras-da-escolha-do-nome-o-globo-em-1925.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2025.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

RICH, Motoko. **Como começar a gostar de ler**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 jan. 2008, p. 63. Ensaio. Caderno 2 - Literatura. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080105-41717-spo-63-cd2-d5-not/busca/livros>. Acesso em 16 abr. 2025

SANTOS, Emily. **O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio X**. G1, São Paulo, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 9 set. 2025.

SILVA, Jeniffer; CURCINO, Luzmara. **A leitura em cartuns, piadas e memes: o humor em discursos sobre essa prática**. In: Revista Estudos Linguísticos. n. 52, vol. 2, p. 528–543, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v52i2.3622> . Acesso em: 18 set. 2025.

SILVA, Andrei. CURCINO, Luzmara. **Por que não li antes? Da vergonha ao orgulho de ler em postagens de jovens leitores na rede SKOOB**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), 52(1), 265–282, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v52i1.3502>. Acesso em: 17 nov. 2025

TORRES, Bolívar. **Mais da metade da população do país não lê livros**. O Globo, Segundo Caderno - Notícia, 20 nov. 2024. Disponível em: https://d2a9xce884pp5y.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/2024/11/20/SEG/ge201124002SEG1-INFOCHPDPAGE000011358313_m.jpg . Acesso em: 22 mar. 2025.

VIEIRA, Leonardo; LINS, Letícia. **Leitura nada dinâmica**. O Globo, Coluna Sociedade, p. 41, 25 maio 2014. Disponível em: https://d2a9xce884pp5y.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/2014/05/25/CAB/SOCIEDADE/GE250514041CAB1-4539_m.jpg. Acesso em: 23 maio 2025.

ANEXOS:

ANEXO 1:

Sociedade

SEM ESPAÇO PARA OS LIVROS



Recife (PE). Uma caixa de papelão e a biblioteca de uma escola municipal problema similar em outras unidades



Belford Razo (RJ). Meio de biblioteca improvisada e depósito em escola municipal espaço inadequado e com um

Leitura nada dinâmica

Número de bibliotecas nas escolas brasileiras avança devagar: só 35% dispõem de uma

LEONARDO VIEIRA e LETÍCIA LINS
sociedade@globo.com.br

401 HORAS "Não podem para eu ler muito aqui, não. Mas também não faço tanta questão assim. Acho meio chato". Assim, Adriel Ferreira, 11 anos, aluno do 5º ano de uma escola municipal de Belford Razo (RJ), um menino como milhares de outros país adiante, resume espontaneamente o desinteresse pela leitura, reforçado por um dado preocupante: mas nada surpreendente a escola dele integra o gigantesco grupo de 65% de unidades de ensino, pública e privadas, sem bibliotecas no Brasil. De números, presentes no Censo Escolar 2013 e compilados pelo portal Qedu, mostram que, desde 2010, quando entrou em vigor a lei 12.244 — que obriga todos os gestores a providenciá-las, até 2020, espaços estruturados de leitura em seus colégios — a situação praticamente não evoluiu. Ninguém, ano, só 33,1% das escolas tinham bibliotecas; em 2013, eram 30%.

— Uma vez até fui manter ali na sala de leitura (peleja de caixas de papelão e sacos plásticos), mas o pessoal da escola falou que não era para tocar em nada. Dissertam que era para os professores.

— lembra Adriel.

Enfoca em melhor situação, as escolas particulares ainda estão longe da universalização dos espaços de leitura: apenas 59% delas os têm, ante 28,9% das públicas. Há também grande disparidade regional. Sul e Sudeste têm a maior concentração de bibliotecas, enquanto Norte e Nordeste enfrentam dificuldades. Rio Grande do Sul (63,41%), Minas Gerais (60,52%) e Paraná (50,09%) ocupam as três primeiras colocações; Acre (18,29%), Maranhão (13,88%) e Pará (15,83%), as últimas. O Rio está em sexto, com 46% de unidades equipadas. São Paulo tem só 24%, na 19ª colocação.

FORA DO ORÇAMENTO DAS ESCOLAS
Os baixos percentuais de cobertura levam educadores a não acreditar que a lei será cumprida até 2020. Christine Fontelles, diretora de educação e cultura do Instituto Educador, defende a extensão do prazo. Ela trabalha no projeto Ita Quatro Minhas Bibliotecas, que ajuda professores, diretores, pais e alunos a registrar e implantar bibliotecas nas escolas. Seu trabalho envolve articulações com secretarias de Educação e MEC.

— Há pouco conhecimento sobre o texto da lei e pouquíssima referência sobre o impacto que uma boa biblioteca pode causar. Não há ainda uma tradição no país de incluir as bibliotecas no orçamento das escolas. O que não pode haver é um improvável. É preciso haver lugares adequados para a leitura, não adianta ter livros num caloteiro.

Na rede municipal do Rio de Janeiro, segundo o Censo de 2013, apenas 21,71% das bibliotecas escolares podem ser consideradas como tal. O índice já foi melhor: há quatro anos, eram 34,28%. O que ocorre é que muitas possuem espaços dedicados a atividades de leitura, inclusive com amplos acervos, mas que não obedecem à lei.

Um exemplo é a Escola Municipal George Plante, no Leblon, Zona Sul da cidade. O acervo da sala de leitura é de 10 mil títulos para aproximadamente 1.300 alunos, sendo a grande maioria proveniente da Rocinha. Lá, professores trabalham ativamente com livros, como adaptação de obras literárias para

o teatro, resenhas e até concursos de poesias. No entanto, diferentemente do que preconiza a lei, quem trabalha no local não são bibliotecários, mas sim docentes, os chamados "professores regentes".

Mesmo assim, os gestores da escola garantem que a fórmula é mais eficiente do que o modelo de uma simples biblioteca. Há dois anos na sala de leitura, a professora de História Isabel Gonçalves Leopoldo conta que o número de empréstimos solicitados voluntariamente por alunos chegou a 3.529 só até agora em 2014, mais que o total de 2013.

Uma das frequentadoras da sala de leitura, a estudante Raquel de Araújo Silva, de 12 anos, diz que o local a estimula a ler. Mas sustenta que o gosto pela leitura surgiu em casa.

— Conectei com livros de poesia do meu pai.

METODOLOGIA EXPLICADA ONDE
A explicação para a queda no número de escolas com bibliotecas na rede carioca está na metodologia do Censo Escolar. Essa é a opinião de Simone Monteiro, coordenadora do Programa Rio, Uma Cidade de Leitores da Secretaria Municipal de Educação. Segundo ela, a Prefeitura tem projetos de incentivo à leitura nas escolas que, às vezes, podem ser desconsiderados por gestores na hora do preenchimento do questionário do Censo.

— Os dados do Censo não consideram com a realidade. Nossa oferta é muito maior do que está ali.

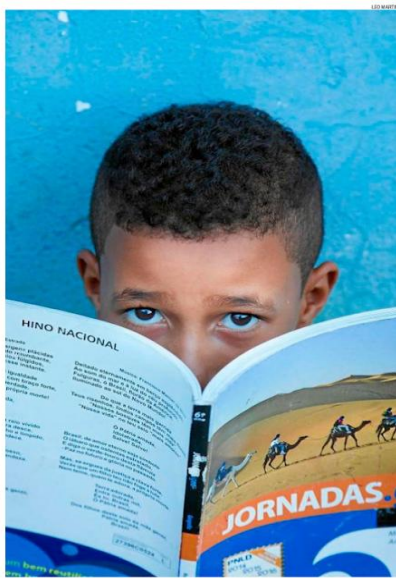
No bairro popular de Nova Descoberta, na Zona Norte do Recife, a situação é bem mais desoladora. As escolas municipais Casa Amarela e Côrrego de Areia simplesmente não têm qualquer coisa que se assemelhe a uma biblioteca. Os livros são ofertados de forma improvisada — numa caixa de papelão, como ocorre na primeira, ou em pequenas estantes, como na segunda. Das 252 escolas da prefeitura, mais da metade não tem espaços adequados de leitura.

Há 12 anos lecionando na rede, a professora Vânia Costa lamenta a situação: — Temos livros interessantes, uns 50, adequados mas não há espaço adequado. As crianças manuseiam os livros, mas, como eles ficam na caixa, acabam danificados.

No Côrrego da Areia, a direção criou "cantinhos da leitura", mas salas de aula, onde foram instaladas prateleiras. Ao todo, há 500 títulos, — há tive oportunidade de trabalhar em uma escola sem biblioteca, no Côrrego da Bica, e depois, quando ela foi instalada, percebi a diferença. A disciplina pela biblioteca, onde também tinha um laboratório de informática, era grande — conta Silvia Patrícia Bezerra Rocha, coordenadora pedagógica da unidade.

Apesar de estarem em situação melhor que as públicas, as escolas particulares vêm perdendo espaços qualificados. Em 2010, eram 60,24%, ano passado, 58,66%. No Estado do Rio, a queda foi de 66,23% para 60,24%. De acordo com a presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares, Amâncio Pádua, há uma "percepção por parte dos colégios de que a lei está ultrapassada".

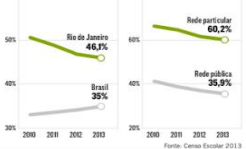
Alunos trocam celulares e tablets para a sala. É evidente que preferem bibliotecas virtuais. A biblioteca (física) ainda é importante, mas agora não podemos mais dizer que é essencial — alega.



A SITUAÇÃO EM ALGUNS DOS ESTADOS



A EVOLUÇÃO NO RJ E NO BRASIL



“Uma vez até fui mexer ali na sala de leitura, mas o pessoal da escola falou que não era para tocar em nada. Dissertam que era para os professores.”

Adriel Ferreira
11 anos, aluno de uma escola pública sem biblioteca estruturada em Belford Razo, na Baixada Fluminense

VIEIRA, Leonardo; LINS, Letícia. Leitura nada dinâmica. O Globo, Coluna “Sociedade”, p. 41, 25 maio 2014.

ANEXO 2:

2 | Segundo Caderno

Quarta-feira 20.11.2024 | O GLOBO

MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO DO PAÍS NÃO LÊ LIVROS

BRASIL PERDEU MAIS DE 7 MILHÕES DE LEITORES, EM TODAS AS CLASSES, FAIXAS ETÁRIAS E NÍVEIS DE ESCOLARIDADE, NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS, DIZ PESQUISA. APENAS 2% MENCIONARAM QUE A INDICAÇÃO DE UM INFLUENCIADOR MOTIVOU ESCOLHA POR UMA OBRA

BOLÍVAR TORRES
bolivar.torres@globo.com.br

Mais da metade da população brasileira não lê livros. É o que aponta a 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que foi divulgada ontem e avalia o comportamento do leitor. Os últimos resultados eram de 2019, e, pela primeira vez desde o início da série histórica, desta vez a proporção de não leitores foi maior do que a de leitores, com redução em todas as classes, faixas etárias e níveis de escolaridade. Foram mais de sete milhões de leitores perdidos nos últimos cinco anos (e um total de 11,3 milhões desde 2015).

Segundo o levantamento, 53% das pessoas não leram nem parte de um livro, em qualquer mídia (física e digital), e de qualquer gênero, incluindo didáticos, Bíblia e religiosos, nos três meses anteriores à pesquisa. O número cai para 27% se for considerada apenas a leitura de livros inteiros.

A média de livros lidos também diminuiu, de 2,6 para 2,4. O número cai para 0,82% por entrevistado se for considerada apenas a leitura de livros completos.

A pesquisa foi realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), com uma amostra de 5,5 mil entrevistados em 208 municípios.

Coordenadora da pesquisa, a socióloga Zoara Failla aponta diversos fatores para a queda geral dos índices de

leitura. Um deles seria a pandemia de Covid-19, com a quarentena impactando na alfabetização e no letramento dos mais jovens e na distribuição de livros.

Como consequência, as salas de aula deixaram de ser um lugar de leitura. Quando perguntados sobre os lugares onde costumam ler livros, a grande maioria cita a própria casa (85%). O espaço escolar foi citado por apenas 19%, o menor índice já registrado (e uma queda de 4% em relação a 2019).

Outro fator para a queda seria o aumento do tempo de tela entre a população: 87% do público leitor e 70% dos não leitores mencionaram usar a internet no seu tempo livre.

— O número de pessoas que usam o tempo livre para ficar na internet vem aumentando desde 2015 — explica Failla. — As telas estão roubando o tempo do livro. Na pós-pandemia, quem passou a ler mais já era leitor. Já a população que não lia ficou mais afastada do livro e do letramento. Há mais dificuldade de manter uma leitura em alto nível com capacidade crítica.

Segundo a pesquisa, a principal motivação para a leitura continua sendo o gosto pessoal, citado por 24% dos entrevistados. No entanto, o percentual daqueles que afirmam não gostar de ler subiu para 29%, superando os que dizem gostar muito (26%).



Dados. Livraria Eiffel, em São Paulo: pesquisa foi feita pelo IPL com amostra de 5,5 mil entrevistados em 208 municípios



“As telas estão roubando o tempo do livro. Há mais dificuldade de manter uma leitura em alto nível com capacidade crítica”

Zoara Failla
Coordenadora do levantamento

O desinteresse pela leitura cresce com a idade. Entre crianças de 5 a 10 anos, 38% dizem ler por prazer, índice que cai drasticamente para 17% entre adultos acima de 40 anos. Para Zoara Failla, os dados revelam que o Brasil está perdendo leitores potenciais, já que a queda de interesse e a ampliação no percentual de quem diz não gostar de ler são verificadas a partir dos 14 anos.

LIVRO COMO PRESENTE

Em sintonia com esses dados, a pesquisa também mostra que entre leitores há uma proporção maior de pessoas que já ganharam livros da família (51%) do que entre não leitores (24%). Só que o hábito de presentear livros caiu de 63% em 2019 para 61% em 2024.

— As famílias estão dando menos livros de presente para os filhos e estimulando o entretenimento por telas — observa Failla.

A pesquisa buscou compreender também o papel da internet, das redes sociais e dos influenciadores digitais no hábito da leitura. No geral, apenas 2% dos leitores mencionaram que a indicação de um influenciador digital motivou a escolha de um livro para ler.

TORRES, Bolívar. Mais da metade da população do país não lê livros. O Globo, Segundo Caderno - Notícia, 20 nov. 2024

ANEXO 3:

SABADO, 5 DE JANEIRO DE 2008 | CADERNO 2 | D5

Literatura Ensaio:

Como começar a gostar de ler

Uma teoria diz que é preciso encontrar um primeiro livro arrebatador e, a partir daí, nasce o prazer

Motoko Rich
NEW YORK TIMES

Talvez a história recente mais fantástica não seja *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, mas *The Uncommon Reader* (O Leitor Incomum), romance de Alan Bennett, que imagina a rainha da Inglaterra tornando-se repentinamente, no fim da vida, uma leitora voraz. Numa época em que os livros parecem empurrados para as esquinas, talha contra as forças do Myspace, do YouTube e do *American Idol*, a ideia de uma pessoa conseguir, tão rapidamente, passar da indiferença literária para uma paixão devoradora é, infelizmente, algo improvável.

O problema foi ressaltado no fim do ano passado, quando o National Endowment for the Arts divulgou a solene notícia (novidade pra quem?) de que os americanos – especialmente adolescentes e jovens adultos – estão lendo menos a título de diversão. Ao mesmo tempo, entre aqueles que lêem menos, a quantidade de leitura também está diminuindo. Entrevistados em cargos de chefia revelaram que seus subordinados são cada vez mais fracos quando se trata de citar uma leitura básica ou da compreensão de um assunto.

O que fazer diante dessas constatações? Perdemos toda a esperança ou as pessoas um dia voltarão a ser atraídas para a paisagem literária? E, exatamente, o que leva alguém a amar tanto um livro que decide querer mais e mais leituras?

Não existe uma resposta empírica. Se houvesse, mais livros seriam vendidos tão bem quanto a série de Harry Potter ou o *Código Da Vinci*. A gestação de um leitor fiel e comprometido é, em alguns aspectos, um processo mágico, formado em parte pelas forças externas, mas também por uma centelha dentro da imaginação. Ter pais que lêem muito ajuda, mas não garante. Professores e livreiros devotos também podem influir. Mas, apesar da proliferação de grupos de leitura e blogs literários, no final das contas ler é um ato pessoal. "Por que as pessoas lêem e o que elas preferem são questões bem pessoais", diz Sara Nelson, editora-chefe da revista especializada *Publishers Weekly*.

Em alguns casos, pedir para alguém explicar por que lê é um convite a uma refinada racionalização. Junot Diaz, autor de *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao* (A breve e assombrosa vi-

da de Oscar Wao), recorda vividamente ter tropeçado numa biblioteca ambulante logo após sua família emigrar da República Dominicana para Nova Jersey, quando tinha 6 anos de idade. Nessa biblioteca, ele folheou um livro ilustrado de Richard Scarry, uma coleção de pinturas de regiões selvagens americanas do século 19 e uma versão do *Sign of Four*, de Arthur Conan Doyle. O que havia nessas três obras que o tornaram, a partir daí, uma pessoa louca por livros? "Consigno relatar o mito criador do meu arrebatamento pela leitura, mas explicar é um mistério", diz Diaz.

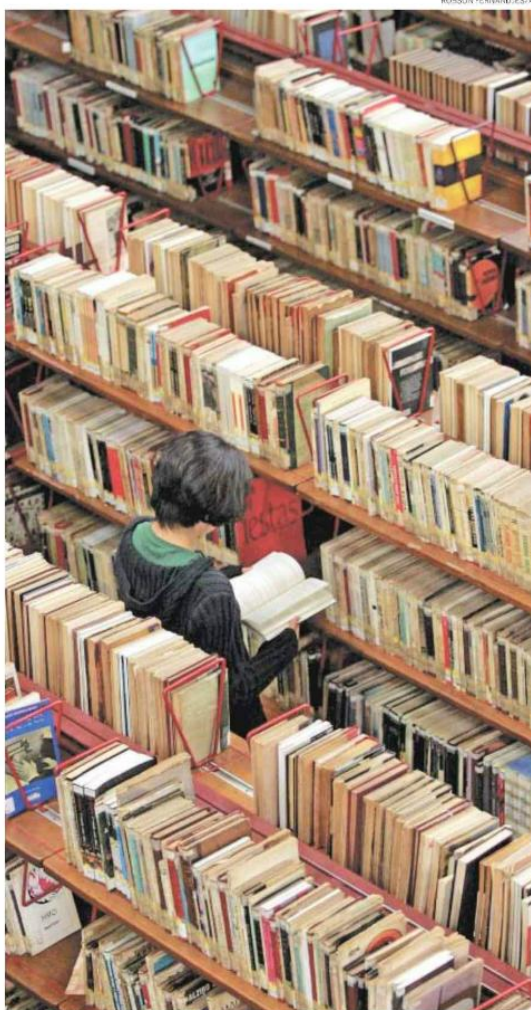
Sim, é tudo misterioso e pessoal, mas o fato é que há algumas pistas do que pode transformar uma pessoa num leitor duradouro. *The Uncommon Reader* propõe a tese de que o livro certo no momento certo pode despertar um hábito para toda a vida. Para a rainha da história, esse livro é *Pursuit of Love* (Em busca de amor), de Nancy Mitford.

Esse é um ideal romântico que subsiste entre muitos amantes de livros: "É como uma droga, mas num sentido positivo", diz Daniel Goldin, gerente geral da Harry W. Schwartz Bookshops, em Milwaukee. "Se você tem o livro que faz a pessoa se apaixonar pela leitura, ela vai querer outro depois."

Esse tipo de experiência ocorre, com mais frequência, na infância. Em *The Child that Books Built* (A criança que os livros criam), Francis Spufford, jornalista e crítico britânico, escreve como as marcas negras entre cada uma das capas de *O Hobbit* foram ficando cada vez mais fáceis de entender e libertaram um dragão de dentro dele, tornando-o um "viciado" em ler.

APESAR DOS GRUPOS DE LEITURA E DOS BLOGS LITERÁRIOS, LER É ATO PESSOAL

E o que faz com que um livro se torne a causa primordial da leitura continua? Para alguns, é a descoberta de que o personagem da história é como você, pensa como você ou, ao menos, compartilha o mesmo sentimento. Quando recebeu o National Book Award (Prêmio Nacional do Livro) de Literatura Juvenil, por *The Absolutely True Diary of a Part-Time Indian* (O Diário absolutamente verdadeiro de um indígena tem-



LIVROS QUE ABREM CAMINHOS - Uma iniciação certa pode determinar o resto de sua vida de leituras

porário), o escritor Sherman Alexie agradeceu a Ezra Jack Keats, autor de *The Snowy Day* (O dia de neve), um livro clássico de histórias ilustradas para crianças. "Foi a primeira vez que folheei um livro e vi um personagem marrom, negro, bege – um personagem parecido comigo, física e espiritualmente, em toda a sua magnífica solidão e esplêndido isolamento", disse Alexie, indígena da tribo Spokane, que cresceu numa reserva.

ÀS VEZES, UM MUNDO DE POSSIBILIDADES SE ABRE A PARTIR DE UMA OBRA MODESTA

Em uma entrevista, Alexie disse que era um leitor regular mas que, depois de *The Snowy Day*, transformou-se num verdadeiro maníaco por livros: "Acho que é a idade em que você encontra aquele livro com o qual se identifica plenamente que irá determinar o resto da sua vida de leitura", disse ele. "Quanto mais jovem você for, mais probabilidade terá de se tornar um leitor sério. O que é preciso, de fato, é a pessoa se achar num livro."

Naturalmente, isso não vale para a leitura realizada em busca de informação, esclarecimento ou conselho prático. Para outras pessoas, nem é tanto essa identificação, porém abraçar o Outro é o que as atrai para a leitura. "É a emoção de tentar descobrir aquele mundo desconhecido", disse Azar Nafisi, autora de *Lendo Lolita em Teerã*, livro de memórias que se tornou best seller, sobre um grupo de leitoras que ela dirigiu no Irã.

Às vezes o mundo da leitura abre-se com um livro de fácil assimilação. Bennett diz que escolheu *The Pursuit of Love* como o preferido da rainha da sua ficção porque foi o primeiro romance adulto que ele próprio leu por prazer. Para ele, como para a personagem do seu romance, *The Pursuit of Love* foi um salto para uma literatura mais vigorosa. "Existem todos os tipos de entradas que nos levam à leitura, mesmo se temos em mãos o que, à primeira vista, parece ser um lixo", declarou. ■ **TRADUÇÃO DE TEREZINHA MARTINO**

estadao.com.br
É preciso que a leitura seja feita
www.estadao.com.br/145

RICH, Motoko. Como começar a gostar de ler. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 jan. 2008, p. 63. Ensaio. Caderno 2 - Literatura.

ANEXO 4:

D4 - O ESTADO DE SÃO PAULO

CADERNO 2

SÁBADO, 22 DE FEVEREIRO DE 2003

LITERATURA

Harold Bloom resgata clássicos juvenis para enfrentar Harry Potter

Irritado com os clichês dos livros do pequeno mago, crítico literário apresenta cânone juvenil

UBIRATAN/BRASIL

Quando começou a trabalhar no livro *Como e Por Que Ler*, em 2000, o escritor e crítico literário Harold Bloom percebeu que poderia organizar uma coletânea de histórias para jovens. A ideia surgiu na mesma época em que a saga de Harry Potter, personagem criado por J. K. Rowling, tomava a atenção de jovens ao redor do mundo. "Eu não podia conceber que um amontoado de bobagens tivesse tanto sucesso enquanto os verdadeiros clássicos ficavam em segundo plano",

comentou o escritor, em entrevista ao Estado.

Impulsionado a atacar o fenômeno Potter, Bloom aproveitou para organizar *Contos e Poemas para Crianças* e *Extremamente Inteligentes de Todas as Idades* (144 páginas, R\$ 21,90), lançado recentemente pela Objetiva. Trata-se de uma antologia que reúne 39 contos e fábulas e 74 poemas, que foram divididos em quatro blocos, denominados de acordo com as estações do ano.

Assim, para o primeiro volume, Primavera, Bloom selecionou 18 obras de autores em sua maioria do século 19, pois pretendia manter uma coerência de tom e concepção nas fantasias, narrativas líricas e meditações. "Nada há nesse livro que seja difícil ou obscuro, nada que não ilumine e entretenha. Se alguém encontrar aqui uma obra que não seja de compreensão imediata, sugiro perseverança", avisa o escritor, no prefácio da edição.

No livro, destacam-se a sutil ironia de Shakespeare nos versos de *O Vento e a Chuva*, o humor inusitado de Lewis Carroll em *Supersopa*, *Tio Verde e Tio Rico*, e o sarcasmo naturalista de Émile Zola em *As Fezetas*, um dos melhores do volume. Os próximos livros serão lançados em maio (*Verão*) e setembro (*Outono*) deste ano e em janeiro de 2004 (*Inverno*).

Bloom avista também não concordar com a categoria "literatura para crianças" ou "literatura infantil", na verdade a máscara de um emburrecimento que destrói a cultura literária. "A maior parte do que se oferece comercialmente como literatura para criança seria um cardápio inadequado para qualquer leitor, de qualquer idade, em qualquer época", afirma o escritor, como na entrevista a seguir.

Estado - Seu livro pode ser considerado um contraponto ao fenômeno Harry Potter?

Harold Bloom - Acho que es-

te é um dos pontos. Há alguns anos, não sei exatamente quantos (o tempo passa rápido quando se é velho), o *Wall Street Journal* me questionou sobre o fenômeno Harry Potter. Respondi que não conhecia. Foi a uma livraria e compré o primeiro volume da série, em edição de papel barato. Foi difícil chegar até o final, pois era uma sucessão de clichês mal escritos.

Ao final, escrevi um artigo para o *WSJ* em que a provocação já surgia logo: *Podem 35 milhões de compradores de livro estarem errados? Sim*. Foi uma enxurrada de cartas. Não yor-mails, mas completamente irritadas, vindas de outras partes do mundo também, o que até me surpreendeu mas me chamou atenção para um detalhe: se temos tão bons escritores para crianças como Lewis Carroll e até mesmo Shakespeare, por que não reunimos em um só volume, oferecendo uma oportunidade para os pais oferecerem boa literatura para seus filhos?

SELEÇÃO É DIVIDIDA PELAS ESTAÇÕES DO ANO

Assim, há alguma relação entre a organização desse livro e minha resposta a Harry Potter.

Estado - Algumas das histórias selecionadas oferecem oportunidades para discussões interessantes, como a de Émile Zola, que questiona o comércio da beleza. Quais são as melhores, em sua opinião?

Bloom - Não tenho o meu favorito. Gosto muito dos poemas de Lewis Carroll e infelizmente não pude incluir meu pre-

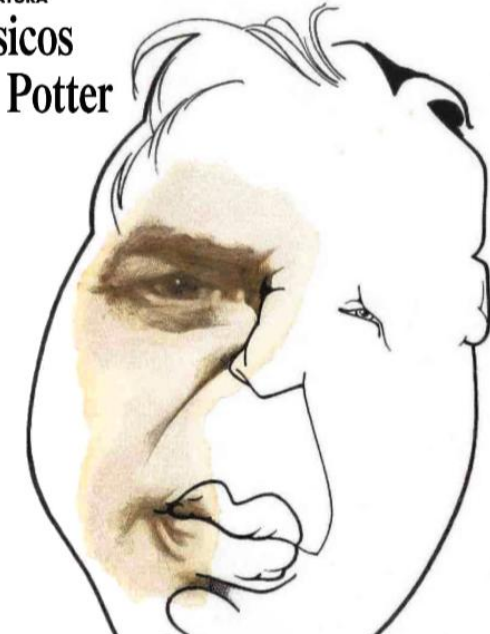
ferido (*A Coça ao Smurk*), pois é muito grande. Mas, em outros momentos, gosto de Chesterton e mesmo de Kipling, um excelente escritor para crianças, fornecendo um colorido magnífico em seus textos. Pensando bem, gosto muito de todos, caso contrário não os teria selecionado.

Estado - A edição brasileira apresenta um complemento, que não consta no original: pequenas biografias dos autores selecionados, o que auxilia os novos leitores. O que pensa disso?

Bloom - Ora, é uma boa ideia! Não tive tempo para pensar nisso, mas é uma boa oportunidade para o leitor conhecer não apenas a obra daqueles como também de suas histórias. Robert Louis Stevenson, por exemplo, teve uma vida agitada e interessante.

Estado - Em *Como e Por Que Ler*, o senhor trata da dificuldade dos leitores contemporâneos em compreender a ironia da literatura de tempos mais antigos. O senhor acredita que o mesmo passa acontecer com os jovens leitores de seu novo livro?

Bloom - Antes de mais nada, é bom lembrar que ironia, por definição, é estar dizendo algo enquanto o significado é outro, muitas vezes o oposto do que inicialmente é dito. Assim, é impossível não se perder a labilidade de se fazer e entender ironias, caso contrário estaremos destinados a um tipo equivocado de discurso, algo como os dos políticos ou de alguns oradores de religiões populares. Voltando à sua pergunta, não espero que isso



mesmo Shakespeare. Isso é compensador.

Estado - O senhor acredita na possibilidade do desaparecimento do livro?

Bloom - Não acredito. Há alguns anos, a revista *The New Yorker* me convidou para um simpósio chamado *Download or Die* (Baixe o arquivo ou Morra), que pregava o surgimento do e-book como a grande solução para a leitura. Eu dizia que era bobagem, pois nada substituiria o ato de se carregar um livro e de folheá-lo, mesmo com toda a praticidade propagada pelo e-book. Assim, contestei o tema do simpósio e o troquei por *Download and You'll Die* (Baixe o arquivo e Morra). E, com os anos, no menos aqui nos Estados Unidos, constatamos que o e-book foi um fiasco.

Estado - Qual é, em sua opinião, a maior ameaça ao futuro da leitura?

Bloom - Acho que é uma questão tanto tecnológica quanto política. O primeiro inimigo seria a sedução da imagem, que hoje é oferecida por computadores (a internet em particular), cinema, televisão, realidade virtual. E também a atração pelo que chamo de "religião do rock", oferecida pelo rap, MTV e todos esses meios barulhentos.

Outro inimigo é a forma como os governos coordenam a educação básica, que cada vez mais incentiva um desinteresse pela leitura. Em minhas viagens pelos Estados Unidos e outros países (Jember Portugal, Itália, a região da Escandinávia), percebi que, quando há o incentivo correto à leitura, é possível encontrar pessoas apaixonadas pelas histórias de Virginia Woolf ou

exigiria uma resposta enorme. Quando eu era jovem, adorava assistir a filmes que se tornaram clássicos como os de Fellini e Ingmar Bergman. Eram inesquecíveis na época. Antes de mais nada, quando se torna um clássico, assim o será por muitos séculos: terá sempre a refrescância característica de novo e nunca morrerá.

CDs POR APENAS R\$19,90. REPETE QUE EU NÃO OUVI DIREITO.

6, 9, 12, 14, 19

Procure o selo nos CDs. E ande logo, a promoção só vai durar de 20/2 a 16/3/2003 nas lojas Saraiva Mega Store.

Saraiva MEGA STORE
www.saraiva.com.br

BRASIL, Ubiratan. Harold Bloom resgata clássicos juvenis para enfrentar Harry Potter. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 22 fev. 2003. Entrevista. Caderno 2 - Literatura, p. 61.

ANEXO 5: Tabela Excel com o registro da coleta de dados para construção do *corpus*:

LIMA, Pamela. TCC: Coleta de Dados – Pamela Lima. Google Drive, 2025. Disponível em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Gi6PrayFLuTfZuaeQuI3HurjWnQejRjj/edit?usp=drivesdk&oid=115396832731834545686&rtpof=true&sd=true>. Acesso em 02 dez. 2025